MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Da Academia brasileira

POESIAS

EDIÇÃO DEFINITIVA

(1885-1901)

CANÇÕES DA DECADENCIA

PECCADOS

ULTIMOS VERSOS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1904

POESIAS

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

DA ACADEMIA BRASILEIRA

POESIAS

EDIÇÃO DEFINITIVA

(1885-1901)

CANÇÕES DA DECADENCIA
PECCADOS
ULTIMOS VERSOS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

1904

CANÇÕES DA DECADENCIA

(1885-1887)

VERDADE

Como si pelo azul rolara decepada
uma cabeça enorme, ensanguentada e loura,
lentamente no mar, cuja amplidão redoura,
atufa-se do sol a esphera abrazeada.

E, como colossal e rubida granada
mancha de sangue o campo onde, ao cahir, estoura,
ella — ao baixar do oceano á curva rugidora —
de vermelho macúla a abobada azulada.

Então, si a noite estende o crepe funerario
sem do sol recordar que o rubro lampadario
ha de, em breve, o romper com vivos arrebóes,

eu penso — ao ver a lucta assim dos elementos —
que a Verdade tambem se occulta por momentos;
mas com brilho maior nos illumina após.

Lisboa.

TRAZES-ME FLORES E SONHOS

Trazes-me flores e sonhos,
leves afagos risonhos,
doces caricias de amor;
queres saber as tormentas
fundas, enormes, cruentas,
que me roubam viço e cor.
Queres, meu anjo, que eu diga
que rude espinho me fere...
Dizes que ria, que espere,
que tenha visões de luz...

Ah! mas não sabes, creança,
que o norte que me conduz
não tem clarões de esperança...
Tem tufões — não tem bonança...
Tem maguas — não tem sorrisos...
Ah! tu não sabes, na treva,
o desalento que neva
do meu peito nos granizos!
Não sabes que quem me leva

pelas estradas da vida
— como pomba foragida,
que no futuro não pensa —
que o meu guia, minha estrella
é o Archanjo da Descrença!

Dizes que apague os meus chôros,
que busque virentes louros
da Gloria nos arrebóes...
Eu sei que a Gloria é mentira,
sonho por que se suspira,
que tem o brilho dos sóes
e após, em fumo ligeiro,
como as miragens, expira...

Não! Eu não quero corôas...
Basta o riso feiticeiro
com que tu me galardôas...
Só elle pode, ligeiro,
por um momento sómente,
dissipar minhas tormentas
fundas, enormes, cruentas...

DEUS

Eu não sei quem tu és. Sei que minh'alma,
nos céos librando o largo vôo ancioso,
jamais encontra do teu céo a calma,
— sombra illusoria de mentido goso.

E, si minh'aza mais e mais se espalma,
remontando no pego luminoso,
os mundos vejo que ninguem acalma
do Universo no giro portentoso.

Mas, si te busco, ó deus potente e forte,
elo que enlaças a existencia á morte,
fonte sublime que creaste tudo,

vejo a Materia as amplidões enchendo,
vejo a Força seu seio revolvendo,
e só o céo, p'ra confessar-te, mudo...

A UMA CANTORA

(EM UMA FESTA ABOLICIONISTA)

Pois que tu — genio das artes —
da Liberdade aos clarões,
teu nobre fogo repartes
sobre quebrados grilhões,
pois que teu canto sublime
do escravo afflicto redime
o soffrimento feroz,
— a ti, de envolta co'as palmas,
rojamos tambem as almas,
as almas de todos nós.

Colhe tu — si tu puderes —
quanta luz, quanta affeição
dos cantos que tu desferes
se envolvem na süavidão.
E em vez dos negros espinhos,
que dos genios nos caminhos
costumam sempre apontar,
dos negros prantos das dores
que tu seccaste, hão de as flores
para cobril-os brotar!

ESTATUA

Eu tenho muita vez a extranha pretenção
de me fundir em bronze e apparecer nas praças
para poder ouvir da voz das populaças
a sincera explosão;

sentil-a, quando, em festa, as grandes multidões
acclamam doidamente os fortes vencedores,
e febris, pelo ar, espalham-se os clamores
das nobres ovações;

sentil-a, quando o sopro asperrimo da dor
nubla de escuro crepe o lugubre horizonte
e curva para o chão a entristecida fronte
do povo soffredor;

poder sempre pairar solemnemente em pé,
sobre as maguas crueis do miserando povo,
e ter sempre no rosto, eternamente novo,
uma expressão de fé.

E, quando emfim cahir do altivo pedestal,
á sacrilega mão do barbaro extrangeiro,
meu braço descrever no gesto derradeiro
a maldição final.

LUCIA

Flor desbrochada em gothica ruina,
sem que um raio de sol, vivo, a calente;
flor, que no calix virginal não sente
meigo afago da briza matutina,

nessa cabeça pallida e franzina
quem te lançou dos sonhos a semente?
que dôr te fez verter o pranto ardente
que te estiolou da vida a flor divina?

Por que, ás vezes, ó pomba immaculada,
numa vaga tristeza mergulhada,
nas devezas em flor scismas errante?

Que sonhas? que procuras? Teu olhar
acha talvez nos raios do luar
vaga lembrança de um paiz distante?

Lisbôa.

QUANDO EU FOR DOIDO

Eu sinto que a Razão em mim, ás vezes,
como um ebrio sem forças, cambaleia,
e, nas trevas da Insania, que tacteia,
busca e não acha a luz.

E minh'alma confrange-se tremente,
como creança livida e assustada,
porque lhe falta a vastidão rasgada
dos amplos céos azues!

E eu vos quero pedir, a vós, carrascos,
que heis de — quando chegar o triste dia
querer me dar a lugubre enxovia
de um hospicio qualquer,

que me deixeis, ao menos, nesse transe,
afinal, a suprema liberdade
de, em pleno sol, em plena claridade,
como um doido — morrer!

A BEIRA DE UM TUMULO

Não venham cuspir o insulto
de uma ironia sangrenta
sobre a face macilenta
desta formosa creança;
não venham falar agora
de um deus de amor e esperança!

Morrer... Morrer, quando a vida
desabrochava florida,
desabrochava risonha!
Morrer na idade sublime
em que a donzella, que sonha,
sonha delicias de amores!

Oh! não... Não venham falar-nos
do deus que lança nas flores
vida, perfumes e encantos...
Deixem as crenças mendazes...
Deixem os hymnos e cantos...

Si Deus houvesse, — os vorazes
vermes sinistros sómente
cantariam negramente
seus louvores, seus carinhos...

Morreu na idade em que as almas
são como tepidos ninhos,
abrigando os passarinhos
das chimeras doidejantes...
Morreu... E eu lembro-me ainda
de a ver tão virgem! tão linda!
passar mimosa, brincando,
com finos risos galantes...

Calem as notas das preces
ao deus que os mundos domina,
deus que sem pena assassina
as doiradas, fulvas messes
das nossas crenças singelas...
Não lancem negros escarneos
sobre a campa das donzellas!

Ella adorava a cadencia
das magas valsas ardentes,
tinha n'alma a florescencia
das chimeras innocentes.,.
Era formosa... Era virgem...
Doidejava na vertigem
do torvelinho da vida,
cercada toda de galas,
de doces mimos, de falas
de uma esperança querida.

E dizem... dizem que existe
um deus, dos céos nas alturas,
que enxuga os prantos do triste,
que lança o riso e as venturas!
Não venham cuspir o insulto
de uma ironia sangrenta
sobre a face macilenta
d'esta formosa creança!
Não venham falar agora
de um deus de paz e esperança!

OSORIO

Elle tinha no olhar a luz da Gloria,
montava no ginete da Victoria,
das luctas no fragor,
e a deusa das pelejas condemnada
seguia-o pelos campos, deslumbrada,
a supplicar-lhe amor.

Das batalhas fataes entre o tumulto,
quando elle erguia o magestoso vulto,
as boccas dos canhões
soltavam, da batalha nos embates,
entre os rugidos roucos do combates.
gritos e saudações!

E as bandeiras, tremendo desfraldadas
dos ventos do Triumpho nas rajadas,
pareciam saudar
o destemido semi-deus da guerra,
que passava, luctando, sobre a terra
as hostes a calcar.

Era o titan soberbo da peleja...
Quando o furor das luctas esbraveja,
quando retine audaz,
erguia, altivo e forte, o largo peito
e tombavam-lhe aos pés — singelo preito —
as metralhas fataes!

Ás vezes, a Victoria, descuidosa,
de bandeira em bandeira, duvidosa,
não sabia escolher.
Mas elle via perpassar distante
seu paiz humilhado e agonizante
e a fazia deter.

Morreu... Cincto de louros luminosos,
nos estandartes nossos gloriosos
envolvido rolou...
Patria, — mulher formosa, americana —
diz'-lhe que sua gloria soberana
dentro de nós ficou.

De geração em geração passando,
nós iremos seu nome venerando
repetindo ao porvir...
No coração dos novos luctadores
nunca seus verdes louros vencedores
hão de, murchos, cahir!

PASSANDO...

Por entre a louca multidão ruidosa,
que a seus pés se agitava doidamente,
erguia a calma fronte magestosa
a altiva estatua do guerreiro ingente.
Um dia veiu a guerra... Impia, sacrilega,
mão estrangeira num furor infando
fel-a rolar partida, emquanto as turbas
riam, passando...

O ipê robusto sacudia os galhos,
onde cantava a musica dos ninhos;
dos céos bebia os matinaes orvalhos
ensombrando as alfombras dos caminhos.
Um lenhador chegou. Os ramos da arvore
cahiram todos a seu forte mando...
Hoje, no chão deserto, as feras rudes
seguem, passando...

Tudo passa no Mundo, no Universo.,,
Tudo segue seu rumo inevitavel...

No mar, na terra, na amplidão, disperso,
nada perdura eternamente estavel.
Prantos de dor, invocações ou supplicas,
quem pode desviar a Sorte, quando, —
quando a roda fatal nos toma e leva,
leve, passando!

Não! Ninguem nos detem... Labios de virgem,
sonhos nobres de louros e de gloria
nada detem na intermina vertigem
o turbilhão da vida transitoria.
Ó creanças que amaes! ó almas candidas,
que acreditaes no affecto amigo e brando,
não busqueis illusões... O amor mais forte
morre, passando...

CARMEN

Où passent, en chantant, des rêves de baisers.
Jean Richepin.

Que deus te argamassou numa argilla divina,
ó mulher, que és da Forma a incarnação radiosa,
mulher, de cujo olhar na chamma peregrina
queimas as azas da alma a doidejar anciosa?!

Que deus, que deus cruel, ó mulher assassina,
te deu a seducção sublime e victoriosa,
para nos dar a nós a tantalica sina
de não poder cingir-te a carne perfumosa?!

Tu resumes o Aroma, a Luz, a Forma, o Encanto,
tudo quanto ha de bom, tudo quanto ha de santo,
tudo que para o céo nos pode levantar!

E no teu corpo excelso, ó diva triumphante,
eu sinto a vibração extranha e provocante
da volupia sublime, esplendida, a cantar...

CREPUSCULO

Quando o sol avermelhado
d'agua immerge na planura,
e precede a noite obscura
o crepusc'lo avermelhado,

paira um clarão desmaiado
luctando co'a sombra escura
que desce da curvatura
do firmamento azulado.

Assim, dentro em mim, da Crença
resta um clarão quasi frio,
que inda combate a Descrença,

e, nas ancias d'esta lucta,
— qual crepusculo sombrio,
hoje a Duvida me enluta...

SOMBRAS

E tarde. Passa alguem nas sombras da campina...
a rajada do vento as arvores inclina,
a nevoa estende o véo...
É a hora da calma, a hora do repouso...
Um servo somnolento accende vagaroso
as lampadas do céo...

Através da neblina, incerta, desmaiada
desliza uma figura enorme, agigantada.
Na dubia escuridão
tem o immenso perfil a fluctuar enorme...
Perpassa collossal, phantastica, disforme:
— sinistra apparição!

Um caçador audaz, sem medo, sem receio,
apontou friamente... A bala deu em cheio
no sinistro animal.
A visão, que na nevoa as linhas augmentara,
que ás almas sem vigor nas sombras assustara,
era um cão trivial!

Uma figura assim, na nevoa da ignorancia
dos povos, perpassou na prolongada infancia,
da penumbra nos véos.
Quando cahiu emfim... era singelamente
humana apparição a deslizar, silente,
e que julgavam Deus...

FORGET ME NOT

Não te esqueças de mim! Não te esqueças,
quer tu sintas sorrir a ventura,
quer em prantos acerbos padeças
da Desgraça na negra tortura!

Não te esqueças de mim! Na minh'alma
brilha sempre o retrato da tua,
como brilha de um lago na calma
a serena belleza da lua.

Não te esqueças de mim! Si na vida
me faltasse teu nome um momento,
da existencia na lucta renhida,
quem pudera me dar novo alento?

Não te esqueças de mim! É comtigo
que minh'alma sonhando se deita.
É teu nome em que eu acho um abrigo
quando sinto a tormenta desfeita.

Não te esqueças de mim! És a crença
que no peito sómente levanto...
É em ti que minh'alma só pensa...
És meu sol! meu amor! meu encanto!

ESTRELLAS APAGADAS

Elle vous servira, la foi dans cette fable,
D'étoile à votre chemin.
Jean RICHEPIN.

Candida estrella, que no ethereo espaço
brilhas com luz encantadora e viva
e atraz da qual minh'alma pensativa
do céo se lança pelo azul regaço,

quando, ás vezes, te fito, em mim se aviva
um pensamento nebuloso e baço
e eu scismo que talvez o ultimo passo
nas orbitas do azul déste, captiva,

e hoje essa luz, a luz que nos envias
— astro apagado do correr dos dias —
teu morto foco nem siquer a tem !

Então minh'alma, desprendida, pensa
que inda perdura o rutilar da Crença
e Deus — seu foco — se extinguiu tambem!

DO LIVRO DE LAURA

Fui ter á alcova deserta
dos nossos doidos amores...,
Achei fanadas as flores
que tu deixaste ao sahir.
Uma saudade profunda.
vibrava cheia de encanto:
sentia-se em cada canto
uma lembrança surgir.

Eram — deixados á toa —
teus mimosos sapatinhos
como dois candidos ninhos,
sem das aves ao calor.
Vagos, em torno, no espaço,
como invisiveis cardumes,
vagavam doidos perfumes,
lembrando teu doce olor...

Fino, o tapete felpudo,
junto ao leito abandonado,

inda lembrava, calcado,
rastos subtis de teus pés...
Do colchão as fofas pennas
as leves, lucidas mornas
das tuas nitidas formas
tinham guardado, fieis...

Teu alto espelho, de rubra,
de velutinea moldura,
onde a tua formosura
se mirava esculptural,
— baço, sem brilho, nas sombras,
lembrando a dita perdida,
queria ver-te esculpida
de novo no seu crystal...

E eu, então?! Eu, que conheço
teu mago encanto sublime,
que meu labio não exprime,
que não sabe de outro assim;
eu, que vi todas as linhas
do teu corpo: — estatua d'arte —
que vivo para adorar-te,
p'ra sentir-te ao pé de mim;

ah! Laura! jamais pudera
contar-te toda a tristeza
que me prendeu na incerteza
de uma ausencia tão cruel!
Não fujas mais! Por castigo
não me deixes mais sózinho!
Serei teu servo mesquinho...
Serei teu servo fiel...

PELICANO

C'est la chair de ta chair, c'es l'âme de ton âme.

Jean RICHEPIN.

Onde a vaga se quebra em rispidos lamentos,
junto á costa, onde a rocha é dura e penetrante,
habita, exposta ao sopro asperrimo dos ventos,
uma ave que é do amor o exemplo culminante.

Por isto ella, que affronta a voz dos elementos,
impassivel, sem dor, estoica e triumphante,
vendo o filhinho exhausto, em presa a mil tormentos,
rasga p'ra alimental-o o seio palpitante.

Assim deveis tambem, ó loucos scismadores,
que na trilha sem fim das lutas e rancores
andaes buscando a luz que vos conduza á Historia,

sentindo palpitar esse fatal anceio,
rasgar sem medo algum vosso possante seio
p'ra alimentar da campa a vossa filha : — a Gloria.

Lisbôa.

ASPIRAÇÃO

Il demeure, quand même, à jamais implacable.

Jean RICHEPIN.

Eu perguntei do mar á vastidão gigante
si ella esperava aos céos poder chegar um dia
para juntar do azul á vívida ardentia
a ardentía fugaz da vaga murmurante.

E o mar me respondeu que ha muito que sabia
ser-lhe vedado alçar-se ao páramo brilhante
do espaço, — mas que tinha a força palpitante
de um desejo fatal que aos céos o suspendia.

Olhei... ouvi na praia o procelloso embate
das ondas no ulular das ancias do combate
em que a terra do mar a aspiração quebranta.

E eu scismei que tambem numa eterna loucura,
— certa de não poder tocar-lhe na luz pura —
minh'alma para a Gloria, ardente, se levanta!

PECCADOS

(1887-1889)

A' ENTRADA

A MEU PAE

Este meu livro devia
ser um livro de creança,
todo verde de esperança,
todo rubro de alegria.

Devia conter sómente
illusões da mocidade,
abrir-se róseo e fremente
numa doida alacridade.

Contar amores... amores
como nós, os moços, temos :
cheios d'extasis supremos
e de infantis dissabores.

Alar-se todo, cantando
os doces hymnos da Crença,
ser casto, ser meigo e brando,
ter sonhos de paz immensa...

E não é. E máo; é rude;
não guarda nobres encantos;
prefere aos Risos os Prantos,
prefere o Mal á Virtude!

E filho d'uma alma afflicta
presa da duvida insana
d'esta idade, em que palpita
na treva a Consciencia Humana.

Soffre de enorme tormento
que lhe rouba a seiva ardente:
d'esta molestia inclemente,
que se chama « o Pensamento »!

Si busca o riso vivace
para afastar os pezares,
convulsa, ruga-se a face
em agourentos esgares.

Tem sob a rima sonora
— cadencia que prende e agrada —
muita queixa desgraçada
que estúa, que geme e chora.

São versos de quem não soube
achar ainda um affecto
que toda a su'alma arroube
num sonho nobre e completo.

Versos de quem muitas vezes
buscou o amor doce e brando
e o viu partir, só deixando
resaibos de amargas fezes;

de quem a amante procura
que resuma o que se exprime
— na Luxuria a mais impura!
— na Chimera a mais sublime!

PARA O NADA

A DELGADO DE CARVALHO

Sempre ao Bem excede a impura
legião negra do Mal!
O Genio, o Crime e a Loucura
são faces de um só crystal...

A escala, pois, que nos leva
á perfeição mais sublime
— da Insánia avisinha a treva,
— fica bem perto do Crime.

E é tudo assim... Quem é forte,
quem sabe fazer-se grande,
em torno de si a Morte,
a Dôr e a Colera expande.

Os bons, os meigos, os santos
são sêres fracos, mesquinhos;
vivem em queixas e prantos,
vivem pedindo carinhos.

A natureza só arma
as gerações vigorosas
p'ra correrem ao alarma
de batalhas pavorosas.

O Homem tem a grandeza
lugubre e immensa do excidio:
sua mais alta nobreza
é este dom : o suicidio!

Assim, pois, o esforço todo
da Natureza grandiosa
é o desejo immenso e doido
a ancia profunda e raivosa

de ver — da Dor succumbindo
na eterna tragedia insana —
todo o Universo cahindo
na paz sem fim do Nirvâna!

ANTE UM CRUCIFIXO

A ALFREDO COELHO BARRETO

Ha dois mil annos — rude carpinteiro,
que o nosso louco desespero fundo
nos consome, segundo por segundo,
num desgraçado e negro captiveiro...

Ha dois mil annos teu olhar profundo
d'esse infamante e trágico madeiro
nos promette sereno e sobranceiro
balsamo aos desconsôlos d'este mundo.

Ha dois mil annos — lúgubre e damninho —
teu vulto posto ao meio do caminho
para a Ventura nos impede os passos...

Ha dois mil annos que teus labios mentem...
Basta! Os povos prostrados hoje sentem
ancia de novos céos, novos espaços...

A DOMADORA

Ella era loira e branca e pállida e formosa ;
tinha no olhar azul a chamma caprichosa
do dominio, do mando altivo e senhoril.
Quando assomava, ousada, o mágico perfil
á jaula, onde rugia a multidão das feras
dobravam dócilmente hyenas e pantheras
a ferina cerviz ao gesto tentador.
Do seu olhar de fogo ao lúcido explendor,
sentiam-se tremer — tremer como creanças —
as feras tropicaes affeitas ás matanças,
ás furias e ao calor dos lybicos sertões.
Rojava-se por terra o dorso dos leões,
e ella afagava a rir com suas mãos mimosas
as jubas collosaes, sanhudas, temerosas.
Os reis das solidões eram vassallos seus.

Feras que tinham visto a luz de extranhos ceus,
que as florestas, á noite, a percorrer, andavam,
que livres, sem temor, as selvas dominavam,
tigres rudes e máos, de coração feroz :
todos, na jaula, ao vel-a, ao som da sua voz,
passivos, sem vigor, tremiam mudamente.

Uma vez, ante o olhar do publico fremente,
a domadora entrou na jaula collossal,
dos applausos febris ao côro triumphal.

Entrou calma e gentil.
No seu formoso seio
nem houve a pulsação mais leve do receio.
Ao seu gesto de fada, as feras dominou;
co'a mão nervosa e branca o dorso acarinhou
das pantheras crueis de pelles marchetadas.

Viu, porem, ao clamor das massas assustadas,
um leão, frente a frente, o seu perfil erguer
e no sanhudo mar da juba a estremecer
perpassar o furor tremendo da revolta,
agitando os anneis da cabelleira solta.

Luziu em seu olhar a chamma do terror;
mas logo, recobrando as forças e o valor
poude, emfim, novamente, após longos instantes,
ver o monstro baixar as jubas palpitantes.

Frenetica ovação no circo restrugiu.

Mas parece que a fera em seu semblante viu
um riso de despreso... E, brusca, num arranco,
ás garras lacerou-lhe o collo fino e branco,
num desespero insano, a ulular de furor.

Houve por todo o circo um momento de horror.

Quando o leão cahiu das balas ás feridas,
havia pelo chão um monte de esparzidas
carnes alvas, em sangue, ainda a gottejar.

Nas orbitas sem luz do leonino olhar
sentia-se que a raiva, a colera fremente,
fizera resurgir a lybia fera ardente.

Tu, minha doce amada, ó candida mulher
que me vês, a teus pés curvado, estremecer,
que fizeste de mim, de mim, fera altaneira,
servo docil e bom, que á sua vida inteira
só busca inspiração do teu olhar na luz;
tu, cuja doce voz todo o meu ser reduz
á passiva e fiel obediencia louca,
ás despoticas leis da tua rubra bôcca;
tu, celeste mulher, mulher casta e gentil,
a cuja lei me curvo humillimo e servil,
— não me lances jamais o teu despreso frio,
que has de me ver erguer, e pállido, e sombrio,
como o leão cruel, de lybico furor,
despedaçar por ti o meu immenso amor!

CÓTINHA

A EXMA. SRA. D. EUGENIA DE NEGREIROS ROXO

Tinha nove ou dez annos. Era fina
e graciosa e gentil e delicada.
Uma esbelta creança tão franzina,
como flor mal aberta, á madrugada.

Chamavam-na Cótinha.
Era a alegria
a tetéia da casa. E, tão pequena,
tinha caprichos taes, tal phantasia
que a mãe se enchia de uma immensa pena
a scismar no futuro : «... si algum dia,
ella ficasse pobre... ao desamparo... »

E era tão carinhosa!
Amava tanto
o pequeno irmãosinho que, não raro,
se debulhava em perolas de pranto,
si o castigava a mãe.
Nunca a Cótinha,

zangada e pezaroza, se queixava
quando o irmão, por acaso, a maltratava...
Dava-lhe até razão a pobrezinha!

Uma vez que o pequeno ficou doente,
longas horas velou sempre a seu lado
e — pode-se jurar — tão desvelado
jámais houve enfermeiro diligente.

E quando o viu curado?
Mal podia
caber em si, vibrando de alegria,
enchendo de barulho a casa toda.
Quebrou na sala duas jarras finas...
Pintou!... pintou a manta... E tão traquinas
e inquieta andou, que parecia doida!

Pobre Cótinha! Esta affeição ardente,
affeição de creança, meiga e pura,
ninguem diria que, sinistramente,
lhe fosse um dia abrir a sepultura...

E talvez fosse um bem... A Morte, em summa,
é o repouso infindo de noss'alma
e não ha bem na vida que resuma
a eterna solidão, a eterna calma!

Perto da casa da Cótinha, havia
uma lagôa. Á tarde, iam creanças
brincar ahi. E sobre as aguas mansas,
soltavam barcos de papel, á tôa,
e gostavam de vêl-os, vagarosos,

irem de leve, brancos e garbosos,
á superficie calma da lagôa.
E outros muitos brinquedos que eu agora
já nem mesmo recordo...

Mas um dia,
em que o pequeno só, se distrahia,
tendo a Cótinha estado o dia fóra,
afogou-se o menino.
Tal desdita
ninguem sabia como se passára,
nem o corpo se achára até então.
Quando a Cótinha veiu, esbelta e clara
e risonha e mimosa e pequenita,
quando sentiu a mãe, livida e afflicta,
e viu, e soube que morrêra o irmão,

— ella cambaleou... branca... tão branca
como um jasmim que o vendaval arranca
e, de rastos, atira nas estradas
e nas estradas rola pelo chão!

E, allucinada, e trágica, e demente,
prorompeu... prorompeu em gargalhadas,
rindo nervosamente, extranhamente.

Como chorava a mãe! Absorvida
na grandeza da dôr que nada apouca,
vira de um filho succumbir a vida...
temia ver a sua filha louca...

E por fóra — o socego. Branda e amena,
a viração no perpassar, serena,

mal enrugava a placidez das aguas...
A Natureza... a Natureza fria,
a Eterna Indifferente não sentia
dois tristes corações cheios de máguas!

E é sempre assim.
Si folga em plena festa,
a alma, em flor, numa doida alacridade,
ella solta, raivosa, a tempestade,
como a dizer-nos, cynica e funesta :
— « Ah! tu rias, bandido?! Geme agora!
Geme, que em trevas eu mudei a aurora,
e esfolharei os teus mais bellos cantos,
teu amor, teu porvir, tua esperança...
E, quando a Dor se chega e os vãos encantos
do coração desfaz, ai! a bonança
abre-se, como um riso nos espaços...
Tudo canta e sorri! tudo floresce!
toda a sombra nos céus desapparece
e a alma, sangrando, cáe-nos aos pedaços...

Mas a Cótinha, subito, parando
a gargalhada atroz do soffrimento,
sentiu brotar-lhe um novo pensamento :
— « Quem sabe?! Ella acharia certamente
o pequeno irmãosinho... »

E, mal scismando
nesta idéa infantil, em um segundo
correu... correu veloz, rapidamente
e atirou-se no lago immenso e fundo...

E que mais vos direi?
Do pequenino

o cadaver sumiu-se.
E, quando, fria
despontou, calma e branca, no outro dia,
a Lua, o astro languido e divino
que resvala no azul, indifferente,
viu da Cótinha o livido corpinho,
como um berço de plumas e de arminho,
como um ninho,
do lago á superficie transparente,
a boiar, a boiar, plácidamente...

A UM SUICIDA

Tu, sim; tiveste a trágica coragem
de ir procurar a morte, ousadamente.
Não te agarraste ás bordas da voragem,
miserrimo e tremente...

Viste que não ha nada nesta vida,
onde não brote a sensação da Dor
e que a nossa existencia vae perdida,
frágil embarcação sempre batida
num mar cheio de horror.

Viste e tiveste a nobre heroicidade
de quebrar os grilhões de tua sorte:
seguiste firme, com serenidade,
á procura da Morte!

Dizem que é covardia... E, no entretanto,
tremem junto do lugubre cairel...
Dizem que é covardia... E o medo é tanto
que — só para viver — negam o pranto,
negam a dor cruel...

Eu quizera lhes dar o calafrio
que me sacode os nervos doloridos,
que me agita a medula e que, sombrio,
me entorpece os sentidos,

quando eu penso no fim desta existencia ;
na Morte : a tétrica : a feral visão!
e sei que ha de extinguir-se a Consciencia
e as Formas rolarão na turbulencia
do eterno turbilhão!

De que serve luctar? ser justiceiro?
ser virtuoso e nobre e corajoso?
si a todos traga o abysmo derradeiro
do Nada pavoroso...

Este é o espinho agudo que me irrita :
este medo da Morte... este terror...
Pensar que tudo que minh'alma agita
ha de tragar emfim — ninguem o evita —
do Inconsciente o negror!

E não me apego aos idolos que mentem...
E não procuro as illusões brilhantes...
Meus olhos, sempre abertos, negras, sentem
estas sombras hiantes!

Por isto eu te saúdo... a ti, que a Morte
ousaste sem receio procurar!
Vencendo o medo que me deu a Sorte,
eu, covarde — quizera, ousado e forte,
teu arrojo imitar!

RESPOSTA

A ARTHUR AZEVEDO

O Pessimismo d'este tempo insano
não é feito de lagrimas fingidas;
já nem cabe do Verso nas medidas,
tanto elle inunda o coração humanno!

Foi tão profundo o triste desengano
das mortas crenças afinal perdidas,
que no vácuo das almas doloridas
cresceu o tedio — lugubre tyranno!

Nada ficou de pé... Veio a certeza
de que tudo na immensa Natureza
é simplesmente uma illusão terrivel.

Hoje até mesmo o pranto já nos cansa
nesta medonha e trágica e impassivel
bancarrôta suprema da Esperança!

QUESTAO DE ESTHETICA

Eu assistia á eterna discussão
de uns que querem a Fórma e outros a Idéa,
mas a minh'alma, inteiramente alheia
scismava numa intima visão.

Scismava em ti... Pensava na expressão
do teu languido olhar, que em nós ateia
um rasto de volupia e em cada veia
côa as lavas ardentes da paixão.

Pensava no teu corpo, maravilha
como igual certamente outra não brilha,
e lembrei — argumento capital —

que não tens, animando-te o portento
da imperecivel Fórma triumphal,
nem um nobre e sublime pensamento!

NIRVÂNA

E pois que o teu olhar
Senhor, não vem, não desce
e como um sol brilhante não aquece
a alma, em meio da Duvida, a hesitar,

pois que é baldado e vão
tudo o que a mente aspira
e sentimos apenas a mentira
ao cabo da mais lucida illusão;

pois que não vemos Deus
que nossa rota aclare
e nas sendas da vida nos ampare
e nos levante os olhos para os céos;

pois que sossobra o Bem,
como um baixel perdido,
e nas vagas da Dor o homem cahido
nem, um goso siquer, luctando tem :

pois que o Bello se esvae
— sonho brilhante e puro —
e das auroras negras do Futuro
outro brilho chimerico não sae;

pois que a Verdade até
— unica luz restante —
tambem treme e vacilla agonisante,
entre os escombros do porvir, em pé,

que se extinga afinal
a vida derradeira!
e róle e caia a Natureza inteira
num aniquilamento universal!

DOMADORES

Ha quem pasme dos fortes domadores,
cujo esforço valente e decidido
faz que se curve, de pavor tranzido,
dorso de fera má, de olhos traidores.

E, comtudo, dominam-se os furores
e impõe seu jugo o braço destemido
com qualquer ferro em braza enrubescido
e artificios banaes e enganadores.

Outros ha, todavia, mais valentes,
que a populaça rude não conhece :
são os que domam, vultos imponentes,

esta fera : — a *Palavra*, que carece
para acalmar seus impetos insanos
— seiva e sangue de cerebros humanos.

CEREBRO E CORAÇÃO

Dizia o coração : « Eternamente,
eternamente ha de reinar agora
esta dos sonhos teus nova senhora,
senhora de tu'alma impenitente. »

E o cerebro, zombando : « Brevemente,
como as outras se foram, mar em fóra,
ella se ha de sumir, se ha de ir embora,
esquecida tambem, tambem ausente. »

De novo o coração : « Desce! vem vêl-a!
Dize, já viste tão divina estrella
no firmamento de tu'alma escura? »

E o cerebro por fim : — « Todas o eram...
Todas... e um dia sem amor morreram,
como morre, afinal, toda ventura! »

EXTRANHO MAR

Venus, deusa immortal da formosura,
quando surgiu do glauco sorvedouro
trazia ás pontas do cabello louro
pérolas d'agua crystallina e pura,

mas do oceano de amor, que bate a escura
prisão d'est'alma, que de sonhos douro,
si — despresando-o como vil thesouro —
surgisses, nua, em deslumbrante alvura

— bem certamente nos annéis dos sôltos,
longos cabellos negros e revôltos,
onde brinca ditoso o meu desejo,

tu não terias d'agua leves bagas...
— Surgirias trazendo d'essas vagas
em cada fio pendurado um beijo!

CANÇÃO BACCHICA

A REGULO FAUSTO

Conviva, enchamos as finas taças
dos claros vinhos no loiro rio!
deixem-se as máguas vãs das desgraças,
do Pensamento negro e sombrio :
seja a Alegria quem do horizonte
derrame os gosos na nossa fronte ;

Bebe! Si sentes no arfar do peito
nome de virgem casto surgindo,
verás — do Vinho sublime effeito —
ella a teus braços chegar, sorrindo...
Então, no affecto dos puros beijos,
serão cumpridos os teus desejos.

Bebe! Si queres a eterna gloria
para teu nome de luz banhar,
nos olhos baços — febre illusoria —
o Mundo inteiro verás clamar...

Vivas, applausos, gritos ardentes...
as turbas loucas dirão frementes...

Bebe! E si ao cabo da noite escura
— hora de crimes torpes, medonhos —,
o brilho vivo da razão pura
varrer-te acaso da mente os sonhos,
cerra os ouvidos á voz do povo!
— ergue teu calix, bebe de novo!

TRISTES A ALEGRES...

RESPOSTA A VERSOS DE ARTHUR MIRANDA

Tu, jucundo cantor das alegrias,
alma forrada de estendaes de luz,
que não levas das torvas agonias
a deshumana e pungitiva cruz,

vae da existencia pelo trilho brando
cantando o sol que te redoura a fronte!
Alegre has de sentir todo o horizonte,
emquanto, alegre, fores tu andando...

Felizes esses que não têm a funda
tortura atroz da ideia, que, cruel,
mesmo os sorrisos da ventura inunda
de um resaibo amarissimo de fel!

E olha: eu não amo os velhos romantismos,
que usam do pranto, como joia cara,
e cujas rimas de pericia rara
são crises vãs de sentimentalismos.

Vejo a miseria, a insipidez da vida,
que é como um verde e pútrido paúl,
e sei que é sobre nós a desmedida
curva do céo : uma mentira azul.

Então eu vergo irremissivelmente
— sem que a tal magua possa achar remedio —
ao negro peso colossal do tedio
por tudo quanto minha vista sente.

E, pois, si creio todo o mundo triste
é que a Tristeza na minh'alma habita ;
nella, entre escombros, funeral, crocita
um corvo : o Spleen que dentro em mim existe.

Tu, no entretanto, canta a vida em festa,
canta a alegria que teu peito tem...
Canta depressa ! Lembra que, funesta,
pode a amargura te empolgar tambem !

Deixa-me... Eu vivo para o desalento...
Irei levando pelos meus caminhos,
sob a fronte, viuva de carinhos
a alma de um velho triste e macilento...

ULTIMO REMEDIO

Si tu chegaste emfim aos termos da Verdade,
si viste quanto o Mundo é mentiroso e vão,
si já não crês no deus da velha christandade,
nem crês tambem no Amor : o loiro deus pagão,

— sabe ser rude e forte. Ao impassivel rosto
ata a máscara audaz do cynico impudor,
aprende a recalcar teu intimo desgosto
e a fingir a quem chora a mais sincera dor.

Mas — dentro de tu'alma — á torpe hypocrisia
de tudo — porque tudo é refalsado e vil —
lança, como um cauterio, implacavel e fria,
a Ironia mordaz, herética e subtil.

RESPONDENDO A UMA CARTA

E' simplesmente um musculo mesquinho
o coração que existe no meu peito.
Por mesquinho, por fragil, por estreito —
não tem espaço para o teu carinho.

Outro, Senhora, deve ser o eleito :
alma onde as illusões procurem ninho.
Não eu, que não as tenho em meu caminho
para enfeitar do teu noivado o leito.

Eu poderia, eu poderia ainda,
essa affeição, que dizes ser infinda,
pagar co'a infamia de cruel mentira.

P'ra quê ?! Tu'alma que de luz se inflora
na minha em sombras seu fulgor sumira...
Risca-me, pois, do coração, Senhora!

CONTEMPLAÇÃO

Tenho nos olhos o deslumbramento
de quem o brilho de vivaz estrella
por muito tempo contemplasse attento :
— agora mesmo eu acabei de vêl-a !

E é tal meu goso, meu contentamento
quando eu consigo conversar com ella
que em meus ouvidos conservar intento
a sua voz harmoniosa e bella...

Fico mirando num dormente e vago
sonho, que eu mesmo nem siquer defino,
seu vulto airoso, seu perfil divino...

E o só desejo que na mente affago
era ficar como um fakir do Oriente
fitando sempre essa visão clemente.

ANOITECENDO

A DELGADO DE CARVALHO

É quasi noite. Crepscúla o dia
na mortalha da treva se enrolando.
Da aragem vespertina, leve e fria,
passa o queixume vaporoso e brando.

Traços d'azas no céo... Na serrania
troncos mirrados erguem-se, estacando.
Os galhos nús semelham a sombria
posição de quem clama deprecando..

Arma-se a eça fúnebre e suspensa
do dia morto... A multidão immensa
das estrellas recama o enorme espaço...

Sobem dos negros as canções magoadas...
Mal se distinguem, longe, nas boiadas,
lentos, os lentos bois marchando a passo...

VERSOS SOBRE EDGAR POE

A ARARIPE JUNIOR

Grande Poë, eu quizera nesta idade
erguer teu vulto como o de uma estatua
para mostral-o em toda a claridade
á geração moderna, á mocidade
frivola e fátua!

Sim, eu te entendo sonhador exotico,
extranho sonhador,
eu comprehendo teu pensar nevrotico,
a tua immensa dor.

Eu comprehendo em meio do tumulto
d'esta profunda agitação humana
que não coubesse teu heroico vulto
ante o labor desasisado e estulto
da nossa idade insana...

De que serve esta febre, que nos leva,
de Verdade e Real?
Não vale mais sentir brilhar na treva
o lume do Ideal?

Pois não é esta vida tão mesquinha,
tão estupida e vã, tão desgraçada,
que a alma deva querer no espaço, asinha,
despedaçando esta prisão damninha,
pairar desassombrada?

Sim. E, no emtanto os idolos quebramos
da alegria vivaz,
e nossas forças todas annullamos
num labor contumaz...

Sonhar!... É abrir velas ás explendidas
lufadas da Illusão, mansas, macias...
Sentir em doces, em extranhos canticos
embalarem-se os dias...

É como una janella debruçada
sobre outro mundo, sobre novos céos:
— sentir a Phantasia escancarada
sem cortinas! sem véos!

É a delicia extrema, é a grandiloqua
aspiração mais alta da noss'alma!
vogar do azul na immensidade olympica
ora em sonhos terriveis, ora em calma!

Beber! Sentir o Vinho que alastrando-se
no percurso febril das nossas veias,
em rutilantes catadupas vívidas
nos despenca as idéas!

Ó beber é quebrar os laços todos...
é desprender a nossa mente exul...
é cavalgar sobre os terrenos lodos
do Sonho o gripho azul!

Só quem sabe o que vale o vinho rútilo
são os que têm os corações maguados...
A purpura do Vinho é toda a purpura
que têm para cobrir-se os desgraçados!

Seja o *delirium tremens* muito embora
quem teu espirito espantoso enleva :
— és como o impossivel de uma aurora
em que brilhasse um sol feito de treva!

Si houvesse, como tu, dez creadores
d'essas visões nevroticas e ardentes,
da Insánia nos sublimes esplendores
todos nós rolariamos contentes!

A loucura cruel que te feriu
si me empolgar o cérebro algum dia :
— tu e eu, nós iremos da amplidão
contra os sonhos fallazes da Razão
semeando a Ironia!

TERMINANDO MENSONGES

de Paul Bourget.

Eu não creio que o Dante haja sabido
soffrimento maior que o d'esta idade
que mina a pouco e pouco a mocidade
e nos tortura o coração ferido.

É um suicidio lento... a crueldade
de arrancar cada dia decorrido
algum sonho vivaz e estremecido,
que a alma enchia de luz e alacridade.

Cada livro que lemos é certeza
de novo desabar de intima crença
de esperança illusoria de belleza...

Nem para Deus erguendo nossos braços
podemos appellar... Deus — dos espaços
fugiu, deixando a solidão immensa...

ARTISTAS

Senhora, eu não conheço a phrase almiscarada
dos formosos galãs que vão aos teus salões
nem conheço tambem a trama complicada
que envolve, que seduz e prende os corações...

Sei que Talma dizia aos juvenis actores
que o Sentimento é máo, si é verdadeiro e são...
e quem menos sentir os odios e os rancores
mais pode simular das almas a paixão.

E, por isto talvez, eu, que não sou artista,
nem nestes versos meus posso infundir calor,
desvio-me de ti, fujo de tua vista,
porque não sei dizer-te o meu immenso amor.

CANÇÃO

Por onde quer que, seguindo,
trilhes da vida os caminhos,
ninguem te verá sentindo
como os meus — outros carinhos!

Cerquem teu rosto tão puro
de longos beijos secretos,
não terás mais — eu te juro —
como os meus — outros affectos!

Forrem-te os passos mimosos
de gosos, sonhos e flôres,
não terás tão deliciosos
como os meus — outros amores!

Cinjam-te embora, trementes,
novos amantes nos braços,
não sentirás tão ardentes,
como os meus — outros abraços!

Eu, porém... Eu, nas sombrias
horas de loucos desejos,
não sentirei nos meus dias,
como os teus — os outros beijos!

MAGUAS ALHEIAS

A PARDAL MALLET

Olham : A vida inteira é qual batalha,
cheia de trevas e de desenganos.
Um deus iniquo sobre a Terra espalha
soffrimentos insanos...

Vão cumulando as máguas e as tristezas
dentro dos pobres corações chagados;
sentem da estrada as duras asperezas
sob os pés macerados...

E um dia, em summa, vendo a dor mais forte,
têm a sublime e tragica coragem
de atirarem-se, intrepidos, da Morte
á terrivel voragem.

Matam-se. Então dos peitos sem alentos —
vivos ainda, pelo azul voando,
como abutres crueis, os Soffrimentos
saem : sinistro bando!

Saem, batendo as azas... Nos espaços
seguem, negros, rasgando os horizontes...
Quando descem emfim, poisam-se lassos
por sobre as nossas frontes.

E reflectimos : « Por que causa andamos
co'as nossas almas de pezares cheias?... »
E sem saber dentro de nós guardamos
fundas máguas alheias...

VERSOS DIFFICEIS

Faço e desfaço... A Idéa mal domada
o carcere da Fórma foge e evita.
Breve, na folha tanta vez riscada
palavra alguma caberá escripta...

E terás tu, ó minha doce amada,
o decisivo nome da bemdita
companheira formosa e dedicada
a quem minh'alma tanto busca, afflicta?

Não sei... Ha muito a febre me consome
de achar a Fórma e conhecer o nome
da que a meus dias reservou o fado.

E hei de ver, quando saiba, triumphante,
o verso bom, a verdadeira amante,
— a folha : cheia, — o coração : cançado!

NO ENTERRO DE UMA CREANÇA

Trago a blasphemia nos meus labios frios
— hei de lançal-a sobre o teu caixão!
Soltem os padres : — vendilhões sombrios —
o grasnido venal do cantochão!

Soltem, que, ha muito, d'agua benta os rios
correm das tumbas no gelado chão
e nos sepulchros, afinal vasios,
nada dos vermes diminue a acção.

Por isso, junto do teu corpo leve,
que á sepultura descerá em breve,
trazendo os roucos sacrilegios vim.

Si as preces vans que sobre ti sacodem
nada alcançarem, quero ver, si, emfim,
póde a blasphemia o que orações não podem.

A BEM DO SERVIÇO PUBLICO...

Chove ha tres dias — uma eternidade! —
longa, monótona, insistentemente...
Debalde todos nós temos vontade
de ver de novo o sol brilhar fulgente.

E andam agora, assim, umas asneiras
de sol e chuva, que ninguem entende :
— si queremos o sol, chove em cachoeiras!
— si esperamos a chuva, o sol esplende!

É, pois, preciso, sem perder segundo,
d'esta incerteza p'ra que cesse o inferno,
por incapaz de governar o mundo
aposentar o velho Padre Eterno!

NA ROÇA

Penso em ti minha amada... A Natureza
se veste, junto a mim, toda de gala
e minh'alma a scismar, muda, resvala
ás sombras da saudade e da tristeza.

É meio-dia. O sol no descampado
jorra thermas ardentes de fulgor...
Tudo tem vida, tudo tem amor,
— só eu não tenho teu olhar amado.

Oh! si estivesses a meu lado agora,
si em meu hombro pousasses tua fronte,
eu acharia luz neste horizonte,
affecto — em tua bocca seductora!

Nós iriamos juntos nos caminhos,
colhendo as borboletas infantis,
iriamos aos passaros gentis,
ensinando os affagos e os carinhos.

E os lyrios brancos do varzedo, quando
perpassassemos rindo entre cardumes
de chimeras e sonhos e perfumes,
tremeriam de inveja, murmurando.

Ao papear dos módulos harpejos
nas ramas dos silvestres matagaes
— os passarinhos lêdos, joviaes,
glosariam, trinando, nossos beijos.

As trepadeiras, enroscando os laços
pelos caules pujantes e rugosos,
comnosco aprenderiam os ditosos
impetos loucos dos febris abraços.

Ah! mas quem sabe si jámais a fronte
eu no teu collo pousarei, um dia?
Sei que do meu olhar a chamma fria,
sem ti, não acha luz neste horizonte.

ILLUSÕES

NO ALBUM DE ERNESTO SENNA

Velas fugindo pelo mar em fóra...
Velas... pontos — depois... depois, vasia,
a curva azul do mar, onde, sonora,
canta do vento a triste psalmodia...

Partem, pandas e brancas... Vem a aurora
e vem a noite após, muda e sombria...
E, si em porto distante a frota ancora,
é, p'ra partir de novo em outro dia...

Assim as Illusões. Chegam, garbosas.
Palpitam sonhos, desabrocham rosas
na esteira azul das peregrinas frotas...

Chegam... Ancoram na alma um só momento...
Logo, as velas abrindo, amplas, ao vento,
fogem p'ra longes solidões remotas...

OUVINDO MUSICA

AO DR. FRANKLIN TÁVORA

Não; tu não sabes traduzir as ancias
doidas, frementes, que o meu ser agitam :
nas vagas da Harmonia não palpitam
meus anceios de amor.

Dizem que sóltas pelo ar as pérolas
da mais ardente e esplendida poesia,
que tens escrinios ricos de magia,
de vivido fulgôr.

Das valsas loucas nas cadencias languidas
dizem que ora resumes todo o encanto
do meigo affecto indefinido e santo,
que o coração contém,

ora expandes, nervosa, das volúpias
os mais subtis e sensuaes affagos
e um veneno de goso em doces tragos
de cada nota vem...

só eu não posso navegar impávido,
por sobre as vagas do teu mar sonóro :
eu, que os encantos do Perfume adoro,
quero-o antes sentir!

O Perfume! O Perfume! O Som mais limpido
vos diz acaso o que suggere o Aroma ?!
Um genio sobre vós, lançando assoma
as pérolas de Ophir...

Passam deidades a cantar, esplendidas...
Côro de beijos pelo ar fluctua...
Cada visão que surge — surge núa.
para vos vir beijar...

Não. Na Harmonia não se tem os magicos
abraços cheios de um amor ardente!
Como ás ancias do Aroma não se sente
a Carne palpitar!

Tudo perpassa sobre as ondas lucidas,
as ondas turbulentas dos perfumes;
— beijos, caricias, gosos e ciumes
giram em turbilhões...

A mil chimeras de ventura incognita
nas nossas almas o prazer desperta
e a barca da existencia voga incerta
num mar de tentações...

Quando sinto vergar meu corpo exanime,
dos Perfumes ardentes ao abraço,
creio dormir no lúcido regaço
de mulheres do céo...

Oh! não me falem dos harpejos cálidos,
das delicias do Som sublime e brando.
Perfume! eu quero me envolver, sonhando,
no teu mágico véo!

SERENATA

A DARIO FREIRE

Na insipidez moderna desta idade
já passaram de moda as serenatas...
Esta, eu a fiz, lembrando a suavidade
das nossas noites tropicaes, tão gratas
aos devaneios vagos do lyrismo
dos velhos tempos bons do Romantismo :

« Vem ! as estrellas brilham serenas,
brilham formosas no azul celeste ;
geme nos campos, em cantilenas
nos milhos louros, o vento léste...

As eglantinas,
ao curto termo das vidas breves,
as delicadas pétalas leves
soltam franzinas...

Pelas estradas, agora escuras,
erram, voando, mornos perfumes...
Das balsas verdes nas espessuras
ha vagalumes...

Vem! nós iremos de braço dado.
mudos de goso, de um goso ardente,
sentindo apenas em nós fitado
dos astros vivos o olhar luzente...

Vibram nos ares
gorgeios de aves, divinos, ledos...
Boiam abertos, nos lagos quedos,
os nenuphares...

Vem! sobre as aguas, que as ardentias
enchem de um brilho vago e saudoso,
meu barco espera nas ondas frias,
leve e garboso...

Nós, abraçados, nelle entraremos,
e, sem que busques no espaço vêl-as,
hão de ao cadente bater dos remos
brotarem, ledos, milhões de estrellas...

Vem! Enlaçados,
quem póde acaso saber, perdidos,
o que traduzem nossos gemidos
entrecortados?!

Os astros calmos verão sómente,
rasgando as algas, do barco a prôa,
vogar de manso... vogar silente...
á tôa... á tôa... »

PEIOR, PEIOR AINDA

Oh! Natureza! Natureza fria,
de cujos seios toda a vida pende!
Deusa que as flores nos rosaes estende!
Deusa que os vermes aos rosaes envia!

Mãe! quando chegue o derradeiro dia
da vida má que em meu olhar se accende,
e a luz que nelle a refulgir esplende
apague a sua esplendida ardentía,

Mãe! de meu corpo si sahir afflicta,
uma alma, a procurar, onde, maldita,
possa em teu dôrso colossal pousar,

toma-a! revive-a mais cruel ainda!
faz' que, animada de uma furia infinda,
ruja na guela de feroz jaguar!

NAS RUINAS DE UM MOSTEIRO

Templo fechado ao labutar profundo,
nave deserta, solitaria, enorme,
em ti dos prantos o vestigio dorme
de quanta virgem tu roubaste ao mundo!

Quando a floresta ramalhar sombria
murmure ao longe maldições tremendas!
Afaste o passo o viajor das sendas,
que a ti conduzem na soidão bravia!

Do altar fendido no vivaz granito
vegetem cardos derramando espinhos
e o sólo em torno de sarçáes maninhos
todo se cubra como um chão maldito!

Venham nos mantos das imagens tuas
corvos sombrios estercar á noite,
e o vento os rasgue com feral açoite,
deixando as virgens ao relento, nuas.

Ha muito chôro no silencio triste,
nos claustros negros d'esta vil prisão :
quanta batina pelo mundo existe
não basta ainda p'ra limpar-lhe o chão!

NIHIL

Tanta lucta cruel! tantos cansaços
agitam loucamente a Terra escura!
e nós vamos em busca da Ventura,
clamando embalde pelos vãos espaços.

Vamos pela amplidão erguendo os braços
a perscrutar dos céos a curvatura,
e da existencia pela trilha impura
não acham pouso nossos membros lassos!

Olhos fitos ao longe, — ao longe vamos,
procurando o Ideal que desejamos
achar ao termo da cruel jornada...

Eil-o que surge um dia: — É pó sómente!
— Que nos pode restar, si tudo mente?
— A aspiração immensa para o Nada!

AMOR DEFESO

Ha mulheres assim... Noss'alma ao vêl-as
vai de rasto seguindo-as nos caminhos.
haja flôres no chão ou haja espinhos,
tenha sombras o céo ou tenha estrellas.

Quem as póde evitar? Surgem-nos bellas
e aos nossos tristes corações maninhos
vêm trazer a esperança de carinhos
e agitar-nos em intimas procellas.

Sentindo-as, nosso espirito na vaga
da paixão, ora surge, ora naufraga,
como nas sanhas de um bulcão desfeito.

Mas, quando as luctas serenando vemos,
aos arcanos mais intimos descemos:
— vasio achamos de illusões o peito!

TEMPESTADE

A GUIMARÃES PASSOS

Andam por certo na floresta escura
sátyros ébrios sacudindo os troncos...
Ha pavorosos e terriveis roncos
na guela esteril da montanha dura...

Chove... Desabam catadupas brutas
no dorso negro e funeral da terra...
Chispas rebrilham de medonhas luctas
de mil titans em temerosa guerra...

A luz estende pelo ar funéreas
mortalhas brancas de esmaiada tinta;
dos astros louros e gentís — extincta,
não brilha a chamma nas soidões ethereas.

O mar... o mar allucinado, doido,
urra, empolando os vagalhões irados,
que sobre as praias arremessa a rôdo,
com lastimosos, com plangentes brados...

E ha quem agora a tiritar, medroso,
trema e, de prantos rorejando a prece,
a Deus implore que a bonança apresse,
que se desfaça o temporal iroso!

Oh! não!... Ha sempre sob o firmamento
muito rugido! muita dor profunda!
Ninguem abafa o perennal lamento
que em vão de prantos a miseria inunda!

Tu, pois, Tormenta — p'ra que emfim acabe
da Dor o negro pesadello infando —
vê si, em teus braços colossaes a alçando,
fazes que a Terra com fragor desabe!

Vê si do Nada á solidão sombria
arrojas tudo com furor insano!
Só mesmo então nessa amplidão vasia
se ha de apagar o soffrimento humano...

QUADRO DE GOYA

Era um quadro de Goya, o tétrico pintor
que em seus paineis deixou a pavorosa traça
de um phantastico amor ás telas da Desgraça,
cheias de um desusado e extravagante horror.

Um morto, levantando a lápide pesada
do sepulchro, erguia o corpo apodrecido,
e, p'ra dizer da Morte o mysterio insabido,
lentamente traçava esta palavra : NADA.

E como por minh'alma, então, um calafrio
de horror me perpassase, uma esperança morta
murmurou dentro em mim: — « E a ti isso que im-
[porta,
si nada tens tambem no coração vasio? »

PROCLAMAÇÃO DECADENTE

A OLAVO BILAC

(Carta escripta por um poeta
a 20 de Floréal,
sendo Verlaine propheta.
e Mallarmé — deus real.)

Poetas,
são tempo malditos
os tempos em que vivemos...
Em vez de estrophes, ha gritos
de desalentos supremos.

Si algum d'entre vós, cantando
nos banquetes ergue a taça,
sente, convulsa, pesando,
a mão fria da Desgraça!

O Sorriso é trêdo aborto
de algum soluço contido,
á beira dos labios morto,
pelo Escárneo repellido.

E o Pranto — si o Pranto ardente
banha uma face sombria —
vem do excesso do pungente
riso mordaz de Ironia.

Que resta? Todas as crenças...
todas as crenças morreram!
Ficaram sombras immensas,
onde lumes esplenderam...

Que resta? A Dúvida horrivel
os sonhos todos crestou-nos...
A Natureza impassivel
Só conta invernos e outomnos.

Si, pois, na Gloria inda crerdes,
ha de enganar-vos a Gloria!
Murcham-se os louros mais verdes
nas folhas éreas da Historia...

Os Poetas do Sentimento,
que pintam a sua idade,
vão morrer do Esquecimento
na profunda soledade.

E neste tempo em que o Homem
se altera e differencía,
breves, os cantos se somem
na indifferença sombria.

Pode a Musica sómente
do Verso nas finas teias
conservar no tom fluente
tenue phantasma de ideias;

porque é preciso que todos
no vago dessa moldura
sintam os éstos mais doidos
da emoção sincera e pura;

creiam achar nô que apenas
é tom incerto e indeciso
dos seus sorrisos e penas
o anceio exacto e preciso.

Que importa a Idéa, comtanto
que vibre a Fórma sonora,
si da Harmonia do canto
vaga allusão se evapora?

Poetas,
            eu sei que, sorrindo,
zombam de nós os descrentes,
— Deixae! Ao pé deste infindo
ruir de Illusões ardentes,

nós, entre os cantos sagrados,
que só tu, Poesia! animas,
passaremos embuçados
em aureos mantos de rimas!

À EMILE ZOLA

Maître,
serait-ce donc hallucination ?
— Parfois des yeux de fou sont des yeux de prophète :
et l'âme est un miroir où l'Avenir projette
quelque étrange et, pourtant, vraie apparition.

J'ai vu ceci : — l'auguste et noble légion
de tous ceux dont la Gloire a ceint la belle tête
passait. Chacun d'un siècle emporté sur le faîte,
montrait d'un livre d'or l'astrale inscription.

Subitement la lente et grave théorie,
s'arrêtant sur le seuil de ce siècle en furie
a dit : — « Quel est ton livre, âge au bruit infernal ? »

Ce siècle a répondu : « C'est la sombre épopée
de l'humaine douleur. Prenez. C'est *Germinal !* »
Le cortège a repris sa marche cadencée..

GRITO DE NAUFRAGO

Si um feminino olhar formoso e brando
por estas folhas perpassou, bondoso,
e, aos poucos, doce e triste, foi sondando
d'este meu coração o antro lodoso;

si viu das máguas o agoureiro bando
abafar os meus canticos de goso
e, em rugidos sinistros ululando,
das blasphemias o côro doloroso,

— que o saiba desse olhar a chamma casta :
— em minh'alma sem fé, perdida e gasta,
ha logares talvez puros ainda...

— Quereis vêl-os brilhando claramente?
— Dae-me, sublime luz! a luz ardente
de uma nobre affeição sincera e infinda!

ULTIMOS VERSOS

(1888-1901)

NOIVA PERDIDA

FRAGMENTOS DE UM DIARIO INTIMO

I

1889. 15 de Maio. Meia-noite.

Vinhas do theatro?
Ha pouco, leve e doce,
vi teu meigo perfil... Ias sorrindo,
como si acaso a teus ouvidos fosse
soando ainda um galanteio lindo...

Revelou-me o teu vulto o delicado
rasto da essencia de que gostas tanto.
Voltei-me. Ias já longe. No entretanto,
vendo o fino sorriso, debuxado
no rubro til da tua rubra bocca,
evoquei a meus olhos o passado
e pensei — ao lembrar, triste e perdido,
todo o meu sonho do porvir trahido —
que eu não fui mais que uma creança louca...

II

24 de Junho. Depois de um baile.

Podes andar a rir, de festa em festa :
não se risca o Passado facilmente;
alguma cousa na memoria resta,
a perturbar o coração contente.

Has de lembral-a, a noite deliciosa,
a doce noite do primeiro amor!
Has de lembral-a, embora descuidosa,
rias do antigo e juvenil ardor!

A sala inteira, nessa noite, ao canto
de uma voz de mulher, clara e divina,
tremia sacudida pelo encanto
de uma emoção sincera e peregrina.

Era um hymno de dôr, que dois amantes
murmuravam, morrendo, a soluçar...
Parecia que as notas arquejantes
orvalhavam de lagrimas o ar!

Foi então que, num simples movimento,
olhámo-nos, acaso... E toda a sala,
do meu olhar no teu olhar fitado,

do teu olhar no meu olhar attento,
cada olhar do outro olhar na luz banhado,
toda a sala apagou-se, muda e escura...
Hoje, tres annos faz... Has de lembral-a,
has de lembral-a, a noite da ventura!

III

Julho.

A aza do vento iracundo,
de uma a outra, em rumo certo,
carrega o pollen fecundo
das palmeiras do deserto.

Vae, como a ti, transportado
no alento vão d'éstas linhas,
todo o meu pranto maguado,
contando-te as queixas minhas...

IV

2 de Agosto.

Os meus versos de amor todos, rasguei-os...
Tanto minh'alma tinha nelles posto,
tanto elles 'stavam de amargura cheios,
que num dia de colera e desgosto
quiz atiral-os ao esquecimento.

Ah! como elles se foram, tão de leve,
borboleteando ao deslisar do vento,
tambem pudesse num momento breve
ir todo assim meu louco soffrimento!
Uns — os que eu fiz na noite amaldiçoada,
na horrivel noite do teu casamento —
lembro-os ainda. Ás vezes, a maguada
cadencia d'elles sobe, dolorosa,
sobe, a cantar-me tristemente na alma.
Versos crueis...

A treva silenciosa,
a doce mãe dos corações feridos,
toda no espaço se alastrava calma...
Noite profunda, noite escura e fria...
No socego infinito, em sons perdidos,
um queixume do mar, longe, carpia...

Eu andava sem rumo, ia, cançado, [tranho,
pensando em tí... E immenso, e louco, e ex-
um soffrimento gemeo das loucuras,
como jamais poude existir tamanho,
trazia ao meu olhar allucinado
a nitidez das scenas mais impuras...

Vi-te depois no leito do noivado,
tendo apenas o branco da camisa,
mal sobre a tua pelle rósea e lisa,
a vestir o teu corpo delicado...
Tinhas deixado o véo; tinhas desfeito
as largas ondas do cabello escuro
e palpitara de emoção no peito

teu meigo e nobre coração tão probo,
quando afinal viste cahir despido,
entre os ramos de flôr de larangeira,
teu deslumbrante e esplendido vestido...

Era de sêda branca (lembro-o ainda!),
de uma sêda *moirée* que, á mais ligeira
ondulação, vibrava á luz, brilhando.
Tinha a belleza seductora e linda,
que dás a tudo. Apenas, enfeitando
a barra em tôrno, um fio delicado
de botões o cingia. E, quasi ao solo,
solto á direita, um ramo pequenino
parecia cahir abandonado.

Nem pela noite trágica e sombria
da cabelleira real, nem pelo collo,
nem pelo pulso delicado e fino,
nem por todo o vestido esplandecia
uma joia qualquer...

E docemente
tudo te foi despindo...
O alvo corpinho
cahiu tambem... E então, morno e tremente,
livre afinal no perfumoso ninho
das rendas da camisa, o róseo seio
tremeu, medroso e sôlto...

E tudo... tudo...
tudo isto eu via apparecer no meio
de uma allucinação desordenada,
p'ra que a meu ciume doloroso e mudo

d'esse tormento não faltasse nada !
Vi-te no leito após. Senti teu beijo
vibrar, sonoro e doce, ao meu ouvido,
e pareceu-me ver rubro de pejo
o teu rosto gentil...

Um soffrimento
igual áquelle d'essa hora louca
nunca meu coração tinha ferido !
Cantam... cantam ainda em minha bocca
os versos que então fiz, versos de lava,
versos de lava e fel... Tremula e rouca,
minha voz pela noite os declamava...

Tanto minh'alma tinha nelles posto,
tanto elles 'stavam de amargura cheios
que, num dia de colera e desgosto,
os meus versos de amor todos, rasguei-os...

V

Agosto. Depois de uma festa religiosa.

Ave, deusa das deusas, pura e bella,
deusa cheia de eterna magestade !
Bemdita sejas tu, bemdita aquella,
de cujo olhar a doce claridade

um momento brilhou na minha vida,
como um astro de amor, formoso e puro,
que á minha fronte pállida e abatida
mostrou sonhos de gloria no futuro!

Bemdita aquella, que me lança agora
todo o opprobrio fatal do seu despreso!
Bemdita aquella por quem inda chora
meu coração que, eternamente preso,
segue-a de rastos pela a vida fóra...

Eu tomarei o seu quinhão de dôres,
o seu quinhão de prantos e amarguras...
Andem azas de archanjo, em torno d'ella,
a cobrir a sua alma de venturas,
o seu caminho a tapetar de flôres!

Ave, Deusa das Deusas, pura e bella!

VI

20 de maio.

São como certos bandidos
da Calabria os teus brilhantes
olhos radiantes,
olhos cheios de encantos atrevidos

E como os taes scelerados,
que apòs os crimes malditos
rezam, contrictos,
preces por alma dos assassinados,

teus olhos — bando assassino —
pelos que os seus esplendores
matam de amores,
vestem de luto seu clarão divino...

VII

189...

Provaste emfim dos beijos do adulterio
o sabor delicioso,
quizeste desvendar todo o mysterio
do prohibido goso.

Alma, que foste como o mais nitente
lyrio branco dos valles,
deixaste em turva e paludosa enchente
despencar-se o teu calix...

Deixaste... e apezar disto, á minha bocca,
como dantes ainda,
sobem hymnos por ti da mesma louca
adoração infinda.

A mulher, que corou quando me disse
a confissão primeira,
hoje, até mesmo si eu acaso a visse
tornada em vil rameira,

só p'ra não ver quebrar os mais formosos
sonhos da minha vida,
eu creria os meus olhos — mentirosos,
minha razão — perdida!

Pódes cahir ainda mais... Comtigo,
calcando as minhas dôres,
hei de seguir como um rafeiro amigo,
hei de ir onde tu fôres.

Podes descer á abjecção escura,
ao lôdo a que quizeres,
tu serás para mim sempre a mais pura
de todas as mulheres!

17 DE NOVEMBRO DE 1889

(POR OCCASIÃO DA PARTIDA DE D. PEDRO II)

Pobre rei a morrer, da velha raça
dos Braganças perjuros e assassinos,
hoje que o sôpro frio da desgraça
leva os teus dias, leva os teus destinos
do duro exilio para o longe abrigo,
hoje, tu que mataste Pedro Ivo,
Nunes Machado e tantos mais valentes,
hoje, a bordo da náo, onde, captivo,
segues, deixando o throno — hoje tu sentes
que emfim soou a hora do castigo!

Pobre rei a morrer, — de Sul a Norte,
a valorosa espada de Caxias
com quanta dôr e quanta nobre morte
da nossa historia não encheu os dias,
de sangue as suas paginas banhando!
Digam-no dos Farrapos as legendas!

Digam-no os bravos de 48!
Fallem ainda as almas estupendas
de 17 e 24, — affoito
grupo de heróes, que sucumbiu luctando.

Alma pôdre de rei, que, não podendo
ganhar amigos pelo teu heroísmo,
as outras almas ias corrompendo
pela baixeza, pelo servilismo,
por tudo quanto a consciencia abate,
— alma pôdre de rei, procura em volta
do teu ruído throno desabado
que amigo te ficou, onde a revolta
possa encontrar indomito soldado
que lhe venha por tí dar-nos combate.

De tanta infamia e tanta covardia —
só covardia e infamia, eis o que resta!
A matilha, a teu mando, que investia
contra nós, — nesta hora tão funesta,
volta-se contra teu poder passado!
Rei, não se illude a consciencia humana...
Quem traidores buscou — acha traidores!
Os vendidos da fé republicana,
os desertores de hontem — desertores,
hoje voltam do teu p'ra o nosso lado!

Vae! Que as ondas te levem mansamente...
Por esse mar, que vaes singrar agora,
— arrancado a um cadaver inda quente —
annos ha que partiu, oceano a fóra,

o coração do heroico Ratcliff.
A mesma vaga que, ao leval-o, entoava
do livre mar eterno o livre canto,
como o não redirá, sublime e brava,
ao ver que passa no seu largo manto,
da monarchia o lutuoso esquife!

NOITE DE INVERNO

Penso em tí... A noite é fria...
Por fóra a treva se espalha
cobrindo a terra sombria
como uma immensa mortalha...

Penso em tí... Quizera agora
sentir-te, bella, a meu lado,
banindo a sombra ante a aurora
do teu olhar encantado!

Arde-me o labio em desejos...
Pudesse teu corpo inteiro
cobrir de beijos e beijos,
neste momento fagueiro!

Iriam, como um cardume
de abelhas em revoada,
beber o intenso perfume
da tua pelle assedada

Sonho — ao passar amoroso
do meu labio morno e brando —
que calafrios de goso
tu sentirias, vibrando!

Teu corpo moreno e fino
só de lembral-o parece
que no seu fogo divino
toda a minha alma se aquece!

E a noite é fria. — Na treva
o vento que aos uivos passa,
sinistro, nas azas leva
longo clamor de desgraça...

Numa rua, um pequenino
musico louro nest'hora
morre tirando ao violino
a ultima queixa sonora...

Succumbe — pobre creança! —
como minh'alma que, morta,
tomba á mingua da esperança
que ás outras almas conforta!

Mas da Morte ao negro arranco,
como esse louro pequeno,
que inda ao cahir, frio e branco,
vibrava um canto sereno, —

minh'alma occulta a tristeza
da sua magua chorosa,
para cantar a realeza
da tua Carne gloriosa!

VIAGEM MATINAL

A SOARES DE SOUZA JUNIOR

Emfim, partimos. Alta madrugada.
Rubra fita ao levante o dia esfuma...
Pela extensão vastissima da estrada,
o trem — monstro disforme — ulula e fuma...

Valles e serras... Ouve-se a zoada
da agua, que sob as pontes brame e espuma...
Montes erguem a fronte desnudada,
mal enroupados no lençol da bruma...

Rebenta o sol. Nos galhos das florestas,
trapos de névoa, em expansões de festas,
tremem, como bandeiras, ondulando...

Vamos... vamos seguindo... A voz robusta
da machina, a bufar, do trilho assusta
das pombas-rôlas o travesso fando...

FLÔR DE PENTANO

Jaz como um triste olhar vidrado e frio,
que a morte adormeceu,
a lama verde do paúl sombrio,
onde uma flôr ergue a corolla ao céo,

No azul, a lua, quando o espaço banha
e inunda o monte e o val,
beija, amorosa, aquella flôr extranha,
pura e branca, a emergir do lodaçal...

Não temas, pois... Si na minha alma escura
ha lôdo immundo e vil,
tua memoria — flôr mimosa e pura —
ergue bem alto o immaculado hastil!

INDISCREÇÃO

Quando um sujeito, ha pouco, me dizia
que eras o typo da seriedade,
lembrei — perdôa-me a leviandade —
lembrei aquelle delicioso dia,
em que no teu jardim fui encontrar-te.

Tu, que me dizem que és uma senhora
casada e séria, has de negar agora
que nos tenhamos visto em qualquer parte.
Negarás. Pouco importa! Mas o certo
é que, escondidos sob os verdes ramos
das roseiras do teu jardim deserto,
soffregamente, um dia, nos beijámos.
Lembro-me ainda de que havia perto
uns verdes morangueiros carregados,
e os beijos, nesse delicioso enlevo,
foram tão doces e tão demorados,
que a contar tudo aqui eu nem me atrevo...

Sei que, mais tarde, tua mãe, notando
dos seus bellos morangos o canteiro

todo pisado, — disse, lastimando,
que não sabia como o jardineiro
em um destroço tal não reparára.

Tu, os olhos baixando vergonhosa,
toda coberta de infantis rubores,
foste sahindo. E sò então, formosa,
— oh! que morangos compromettedores! —
vi as costas da tua roupa clara
todas cheias de manchas côr de rosa...

A LIBERDADE VICTORIOSA

QUADRO DE URBAIN BOURGEOIS — SALON DE 1888

A' mão da Liberdade brilha accesa
a espada do triumpho altiva e forte,
rola nas sombras tragicas da morte
da tyrannia a lugubre torpeza.

Tem no pulso immortal grilhões partidos,
distende em pleno céo as azas largas;
das derrotas nas lagrimas amargas,
uivam na noite os odios dos vencidos.

Mãos crispadas de raiva-da realeza
do seu manto de luz, nas trevas fundas,
tocam debalde a immácula pureza...

Em vão, deusa sem par, que os opprimidos
sabes remir! Eterna, entre os gemidos,
a alma dos povos de esperança inundas!

CŒLI ENARRANT...

(Psalmo XVIII.)

Terra e céos, minha amada, no teu rasto
cantam, publicam tua immensa gloria!
Em torno de teu vulto meigo e casto
vibra um clangor sonoro de victoria!

Não ha verso de amor que ao mundo cante
os hymnos da Paixão,
como do teu olhar vivo e brilhante
o lucido clarão!

Qual a polpa de um figo rubro e doce,
deve de ser a tua bocca ardente...
Abelha ou beijo, bem feliz quem fosse
pousar no seu regaço longamente!

Do ligeiro roçar dos teus vestidos
sae, num doce rumor,
um gorgeio de passaros perdidos,
um sussurro de amor...

Quando tu passas triumphantemente,
toda em pompas de festa, a alma se enflora ;
foge das maguas a legião dolente,
azas abrindo pelo espaço a fóra...

Hosanna! Hosanna! Pelos teus caminhos
cede a tréva ante a luz,
calam-se os prantos, quebram-se os espinhos,
brotam rosas a fluz!

Si ante meu passo, esplendida, appareces,
tens mais nobreza que uma Virgem Santa!
Um murmurío supplice de preces
dentro de mim, em côro, se levanta...

Sinto que, sem que nunca me queixasse
nos transes mais crueis,
en prestaria, alegre, minha face
de escabello a teus pés!

Surgisses tu, surgisses tu, formosa,
aos eremitas velhos e curvados,
e o sangue, ao ver-te, em onda vigorosa,
lhes rebentára aos corações cançados!

Biblia do Bello! Ás almas dos descrentes
volta de novo a fé,
quando, ostentando as fórmas imponentes,
te ergues, altiva, em pé!

Não te insultem meus versos... As mesquinhas
canções que o meu amor alenta e gera
buscam em ti, migrantes andorinhas,
o segredo da eterna primavera!

FUZILADO

A ALCINDO GUANABARA

De pé no calabouço, ouviu ler a sentença
que o condemnava á morte. Uma tristeza immensa
transluziu-lhe do olhar na luz serena e doce.

Acabada a leitura, a escolta retirou-se
atraz do official. — A' porta, o carcereiro,
dando volta na chave enorme, galhofeiro,
dizia á sentinella, ao batente encostada,
morta de somno: «*Então mais outro, camarada?!
Isto vae tudo raso...*» E, rindo-se, e zombando,
foi pelo corredor adeante, chocalhando,
fazendo tilintar as chaves ferrugentas...

Foi-se; fez-se o socego... Apenas, graves, lentas,
batiam no lagedo as passadas do guarda,
rondando á porta, ao hombro a pesada espingarda.

Dentro, fito num ponto, o olhar do condemnado
parára, cheio d'agua, a sentir o Passado
desdobrar-se, febril, num galope de sonhos...
E da escura prisão entre os muros tristonhos
tudo, tudo, de novo, a seus olhos chorosos
a memoria evocava:

— os tempos deliciosos
da descuidosa infancia; — em torno á velha casa
os seus largos *geraes*, campos que a herva rasa
cobre numa extensão immensa, indefinida,
em que a vista se perde e, á força desmedida
do pampeiro infernal, quando elle uiva e murmura,
treme, como um oceano enorme de verdura
mal agitado á tona; — a tortuosa estrada,
como cinzenta fita estreita e desdobrada;
— a carreira veloz dos cavallos em pello
soltos a toda brida, e o *gaúcho*, que, ao vêl-o,
se cuida ver surgir algum centauro antigo...
Depois, meigo perfil, lembrava o rosto amigo
da que fôra p'ra elle o seu unico affecto...

Acudia-lhe á vista o recanto discreto,
onde, a primeira vez, a tremer, commovido,
lhe murmurou baixinho um segredo ao ouvido...
E outra, muito depois...

— Crepe em ondas, silente,
vinha a noite descer. No cannavial fremente,
junto á bocca do poço, ouvia-se que o vento
passava — e sua voz era como um lamento.
Anjos, furando o azul da cupola celeste,
punham olhos de luz no espaço. E forte, e agreste,
da pradaria em flôr o cheiro penetrante,
invadia os pulmões.

Ella veiu. Hesitante,
creu sentir um rumor; mas nada ouviu. Sonora,
soltando uma canção, da estridulante nora
puxou, cantando, a corda.
Ao vêl-a descuidosa,
de subito, elle teve a audacia perigosa,
a audacia sem igual, que os timidos, ás vezes
revelam, num momento, affrontando revezes,
e perigos sem par, de repente... Seus beijos
cantaram, victoriosa, a estrophe dos desejos
do amor, altos, alli, vibrando longos, lentos.
Depois...— Mas para que contar tudo o que os ventos
dissiparam passando, o que as estrellas viram,
o que os dois nessa noite esplendida sentiram,
do verde cannavial occultos entre as plantas?

Ide, porém, saber do condemnado quantas
horas de louco amor alli passou... Saltando,
no seu pranto, heis de ver todo o tormento infando
dessa recordação do seu morto passado.
E acode-lhe á lembrança o quadro inapagado
da partida, uma tarde, ao pôr do sol.
Recruta
inexperto, na fórma, a face não enxuta
do pranto, incerto o passo, ia, triste, marchando.
Esperava-o a noiva, ao caminho, entre o bando
do povo, que, p'ra ver os batalhões, chegára.
Das espadas á luz tremeluzia a seára,
onde o sol esbatia os raios derradeiros.
Clarins, altos, no espaço, em canticos guerreiros
pareciam rugir os hallalis da gloria.
Andava em tudo aquillo um clamor de victoria,
um sôpro de epopeia, a sacudir as almas.

Estrugiam no chão, cadenciadas e calmas,
marchas de batalhões e batalhões, passando.

Elle ia, machinal... De subito, avistando
a noiva, sem pensar, atirou-se-lhe aos braços,
rompendo a fila... E logo estreitou-a em abraços
longos, fortes, febrís, beijando-a loucamente.
Nem distinguia a voz do capitão, fremente
de zelo e de emoção. Rolára-lhe por terra
a espingarda... Morria o sol, no alto da serra...

Depois?
Depois luctou como um bravo. Na lucta,
tinha a audacia febril inconsciente e bruta
de quem não sabe ver onde o perigo existe.
Brilhava-lhe na luz do olhar severo e triste,
como um louco cartel de desafio á sorte,
vontade tão tenaz de provocar a Morte,
que a Morte, deante delle, a evital-o fugia!

E na guerra, afinal, em cada novo dia,
foi subindo de posto. Hoje, a sua memoria
fulgiria de pé nas paginas da Historia,
si não fosse o fatal e tragico accidente...

Foi após um combate. A lucta fôra ardente.
A coragem sem par que o desespero instiga
animára na acção a phalange inimiga.
Por tres vezes, mentindo, um clarim pressuroso,
atirára no campo o grito victorioso...
Só, porém, quasi ao vir da noite, pela ponta
da aza, apanhou-se ao vôo, entre a fumaça, tonta,
a aguia que traz na garra o louro das batalhas.

Calou-se pelo campo o estouro das metralhas,
o socego desceu.
As guelas fumegantes
dos enormes canhões bocejaram hiantes.
E por sobre o estertor profundo dos feridos,
sobre os mortos, no chão, ao acaso, cahidos,
— armou-se todo em luto o vasto firmamento.
De léste a oéste, a noite, em passo grave e lento,
mergulhando na luz um hyssope, seus rastros
marcava, a desparzir fulvo chuveiro de astros...

E a bruta soldadesca, inda quente do ataque,
na cidade vencida, atirando-se ao saque,
roubando, assassinando, ébria pelas viellas,
maltratava, covarde, indefesas donzellas...

Afastado, a pensar, ao ver essas pilhagens
como podem heróes transformar-se em selvagens,
elle seguia só...
Nisto, em rapido instante,
viu rojar-se no chão, de joelhos, arquejante,
uma moça gentil...
Trazia o seu vestido
rôto, solto o cabello, um dos pulsos ferido:
tinha, de certo, tido uma lucta feroz!
Atirou-se-lhe aos pés... Quiz fallar... Mas a voz
faltou-lhe e só no olhar, mais que tudo eloquente,
fallava o pranto...
Foi um segundo sómente:
logo lhe appareceu quem vinha a perseguil-a.
Era um official loiro e alto. A pupilla
azul, o rosto largo, o rictus de luxuria
de seus labios sensuaes, tudo mostrava a furia

em que viéra a correr. Um subito embaraço
fel-o parar, ao ver o heróe. Mas no braço
delle logo notou, num relance, que havia
de menos que no seu tres galões. A alegria
relampejou no seu olhar. Gritou, severo:
« Essa mulher é minha. Entrega-m'-a. Eu a quero.»

O moço nem pensou (p'ra pensar fôra tarde):
num impeto, açoitou as faces do covarde.
Calcando a disciplina, elle esqueceu, sublime,
vida e gloria e porvir — para impedir um crime.

Por isto vae morrer. A lei é fria e dura:
vão fuzilal-o. Em pouco, a morte ha de, segura,
cerrar-lhe para sempre o doce olhar. Mas, quando
chovam sobre o seu peito as balas, e sangrando,
elle, quasi a morrer, tombe exanime e branco,
ha de lembrar, da vida ao derradeiro arranco,
dois vultos de mulher...

E a retina gelada
guardará no sepulchro a visão encantada
de dois anjos, beijando-o, a face immersa em chôro,
fulvas, librando no ar as grandes azas de ouro!

PUDICA

Nua. Lambendo-lhe a epiderme lisa,
por sob a qual o sangue tumultua,
cahiu-lhe aos pés, em flocos, a camisa,
deixando-a nua... inteiramente nua...

O pé, que a alvura do banheiro pisa,
mal os dedinhos roseos insinua
na agua, que em largos circulos se frisa,
logo, fugindo lepido, recua...

Passa por todo o corpo um arrepio.
Duros e brancos, hirtam-se de frio
seus dois peitinhos. Timida, medrosa,

corre a mão sobre o ventre torneado...
Nisto, lembrando, acaso, o namorado,
toda se tinge de um pudor de rosa...

DO TREM...

A ALBERTO DE OLIVEIRA

Bufa, subindo a serra, o trem enorme...
Do alto, os olhos dominam, sobranceiros,
enroscado no cimo dos outeiros
das nevoas brancas o collar disforme.

Dubia luz de alvorada. Hirtos coqueiros,
em meio ao valle, que repousa e dorme,
bracejam palmas verdes... Longe, informe,
vê-se o perfil dos picos altaneiros.

Sol... O trem vae subindo... A vasta serra
num colliseu granitico, assombroso,
um punhado de morros, alta, encerra...

Á luz, que nasce, illudem-se os sentidos:
parece ser aquelle o pavoroso
campo de guerra dos Titans vencidos...

DA CARTEIRA DE UM FLÂNEUR...

F. T.

Déssem-lhe de uma estátua o pedestal ovante,
nalgum templo pagão da Venus Vencedora;
tornassem-lhe de pedra o languido semblante,
o onduloso mover da fórma tentadora;

fosse marmoreo e frio o labio provocante,
que a aurora sensual do seu sorriso doura,
e a voz, que não ha som que reproduza ou cante,
nunca mais desdobrasse a escala encantadora;

bastava, acceso sempre, ardente e capitoso,
para nos vir fallar do indefinido goso
de que as almas febrís dos poetas andam cheias,

o fogo desse olhar, que sobre nós resvalá,
como um vinho de luz, que nos escalda as veias.
e em canticos de amor os corações embala...

10.88.

DA CARTEIRA DE UM FLÂNEUR...

E. W.

Quando ella passa, pallida e franzina,
mimo de graça, mimo de frescura,
lembra o seu rosto de ideal candura
um perfil de madona pequenina.

Dizem que sua voz sonora encanta,
expandindo-se em notas, que, suaves,
são como arrulho de gementes aves,
como harmonia melodiosa e santa.

Revive nella a seducção divina
da que o Gœthe evocou e hoje illumina
as balladas teutonicas, sentidas...

Por isto, meiga e terna, quando canta,
canta na sua alvissima garganta
a alma errante das loiras Margaridas...

5.89.

DA CARTEIRA DE UM FLÂNEUR...

Mme M. F. L.

Tem a serena magestade altiva
de quem conhece quanto é nobre e bella:
a alma da multidão segue-a, captiva,
tanto dominio seu olhar revela!

A inspiração menos ardente e viva,
tremula, a medo, balbucia ao vêl-a:
— feliz do affecto, borboleta esquiva,
que se queimasse á luz dos olhos della!

Ao lembral-a, o que mais se ambiciona:
— sonhos, luctas, paixões, vaidades, glorias —
tudo dentro de nós se desmorona!

E, altos, em torno della, pelo espaço,
na sublime cadencia do seu passo,
vibram clarins, fallando de victorias!

4.89.

DA CARTEIRA DE UM FLÂNEUR...

Mˡˡᵉ Z. Q. M.

Poetas do Assombro, poetas cujos versos
têm o poder extranho e singular
de percorrer no rapido adejar
mesmo do Sonho os loucos universos;

nautas — de céo em céo, de mar em mar,
pelos sombrios furacões dispersos,
que atravessaes os climas mais diversos,
por longe errantes do nativo lar,

— para perder de amor almas incautas,
todos vós, todos vós: poetas ou nautas,
que de mares e céos sabeis o horror,

— não ouvirá ninguem jámais dizerdes
que conheceis abysmo mais traidor
que o glauco abysmo de seus olhos verdes!

4.89.

DA CARTEIRA DE UM FLÂNEUR...

H. F.

Et vera incessu patuit.
VIRGILIO.

Não tem da deusa antiga de Virgilio
Graves os passos, firmes e serenos...
É Venus, sim, mas pequenina Venus
feita p'ra os cantos de um travesso idyllio.

Ha capitosos, ha subtis venenos
do seu olhar no delicioso brilho...
Si eu noto que ella vem, me maravilho
dos seus mais simples e banaes acenos!

Quando a virdes surgir, sabei que passa
o Mimo, a Mocidade, o Encanto, a Graça:
— tudo o que inspira os hymnos e as canções!

E, si o pé pequenino pisa incerto,
é porque no pisar elle por certo
sente que pisa sobre corações.

8.88.

A UM RENEGADO

Cão! tu quizeste o infimo boccado,
o que se compra, desprezando o brio
e afogando de lôdo em negro rio
o facho do Talento immaculado!

Cão! tu has de seguir sempre enxotado,
em teu rosto de Judas tão sombrio
pelo Despreso luminoso e frio,
como um galé miserrimo, marcado!

Ai do teu filho — pobre pequenino —
si algum dia nas rótas do Destino
meiga creança te affagar, risonha!

Quando souber teu nome envilecido,
ha de rolar nas trevas, abatido
sob o tremendo peso da vergonha!

HECTICA

A BRENO MUNIZ

Mora em seus olhos a melancolia
da solidão crepuscular do outomno,
quando se vão ao derradeiro somno.
as folhas soltas pela ventania...

Nas faces alvas que a magreza encova,
sulco de prantos, lugubre, se traça;
no labio, affeito ás preces da desgraça,
mal o calor da vida se renova...

Quando das noites a algidez sombria
despeja-se do céo, trevosa e fria,
róe-lhe a febre o corpinho delicado...

E ha de rolar na grande paz da cova,
quando rebente a primavera nova
e, todo em flôres, desabroche o prado...

TARTARUGA

A AMERICO LOPES

Do alto, o rio despenha-se, fremente,
de pedra em pedra pula, estrepitoso;
passa aos arrancos, barbaro e fogoso,
como um corcel de espuma alvinitente...

Pergunta o bosque ao valle, o valle á serra,
a serra á curva azul do firmamento :
— onde, a bramir, intrépido e violento,
vae aquelle ginete, que os aterra...

Paira um véo multicôr sobre a corrente
como um véo de donzella que, tremente,
fosse á garupa de um cavallo em fuga

E, emquanto o rio, como um monstro, berra
no leito, que a caudal, rugindo, encerra;
— jaz uma pedra : immovel tartaruga...

TE DEAM LAUDAMUS

A ti, deusa do Amor e da Belleza,
a ti, Senhora,
louva, em arroubos de fervor accesa,
minh'alma que te adora!

No leve rasto dos teus leves passos,
sóbe, sonora e forte, a vibração
de minha voz, semeando nos espaços
os victoriosos hymnos da Paixão!

Ninhos de águias de luz são os teus vivos
olhos brilhantes...
Delles ferindo os corações esquivos,
ellas vêm, triumphantes!

Bemdita sejas! Sem um só lamento,
sob as garras torcendo-me, febril,
creio, vindo de ti, que o Soffrimento
é melhor que a delicia mais subtil!

Ciborio sensual — teu lábio quente
mostra aos desejos
a hostia rubra da Luxuria ardente
que a alma communga em beijos!

Teus nobres seios — da Canção do Goso
marcam, pulsando, o compassado tom...
Vibra por todo o teu perfil glorioso
do Hymno da fórma o incomparavel som!

Das tuas mãos o mais pequeno gesto
— gesto sublime —
póde atirar um coração honesto
ás gehennas do Crime!

« Mata! » : dirás... E um tigre em cada peito
ha-de rugir, indomito e feroz...
Honra e Brio e Valor : — tudo desfeito,
cáe ao rumor da tua doce voz!

Barbas brancas de velhos — a teu mando,
rojando a lama,
jazeriam contentes, si brilhando,
vissem-te o olhar em chamma!

Bemdita sejas! Para os que te adoram
és o supremo e mais divino ideal :
tudo o que os outros homens inda imploram
ao pé da tua sombra nada val!

Como o orvalho e o calor são para a alfombra
quasi cahida,
tu — teu passo, teu rasto, tua sombra —
és toda a minha vida.

Eu te desejo, como os condemnados
podem do inferno desejar a Deus,
sempre sedentos e desenganados,
tendo a certeza de não ver os céos!

Sê, pois, bemdita, deusa da Belleza!
A ti, Senhora,
louva, em arroubos de fervor accesa,
minh'alma que te adora!

A UM CERTO ASSASSINO...

Este soneto foi escripto em 1894, quando os opposicionistas ao Marechal Floriano Peixoto, que depois de salvar a Republica, acabava de deixar o poder, accusavam-no frequentemente de ter sido um mandante de assassinatos.

Almas niveas e sãs, onde o peccado,
onde a falta menor não tem guarida,
vêm accusar a tua negra vida,
vêm mostrar como foste um scelerado...

Deve jazer aberta em teu passado
dos remorsos a tragica ferida,
tal é dos crimes teus a lista arguida,
que elles mostram num gesto horrorisado!

Réo taciturno, ao ver a interminavel
onda de tanto sangue irreparavel,
tanta dôr, tantas victimas cruentas,

— a Republica vem, grata e orgulhosa,
estender-te a bandeira victoriosa,
para que enxugues tuas mãos sangrentas!

PARA SEMPRE!

Quebrou-se, ao tedio, a crystallina taça
em que nós ambos o prazer bebemos,
que da affeição nos extasis supremos
o amor nos deu.

Rindo enterrámos a chimera louca,
que nossos peitos affagaram, breve,
e que passou, como uma nuvem leve,
no azul do céo...

Em vez dos crepes da tristeza negra,
do triste chôro das pungentes dôres,
— jaz sepultada sob amigas flôres
nossa paixão.

Cedo, bem cedo, no rumor do mundo,
temos de ver-nos nos salões festivos
e passaremos, lado a lado, esquivos,
na multidão.

Si nos fallarmos, no calor da festa,
has de inclinar-te no meu curvo braço,
e iremos juntos, abrandando o passo,
ditoso par!

Censuraremos um milhão de cousas :
o tempo, os bailes, os vestidos caros...
e hão de, sentindo nossos risos claros,
nos invejar.

Depois, mais tarde, acabarão as valsas,
as notas lentas morrerão vibrando,
e ha de a noite extinguir, magico e brando,
todo o rumor.

E então — quem sabe? — partiremos tristes,
ambos scismando nessa noite linda,
ambos sentindo uma saudade infinda
do morto amor...

CRANEO DE HERÓE

A FLORIANNO DE BRITO

Este craneo já foi o de um soldado,
que nas batalhas, valoroso e forte,
dos sonoros clarins ao alto brado,
milhões de vezes provocava a morte.

Por um sonho de gloria allucinado,
fitando-o sempre como acceso norte,
no furor dos combates empenhado,
soube os decretos affrontar da sorte.

Veiu a gloria, afinal. Um povo em festa
cingiu-lhe o louro ao deredor da testa
— testa de bravo, heroica e sobranceira.

Hoje é morto. Eil-o aqui... Da negra lama
do sepulchro arrancado — ri da Fama,
ri co'a bocca sem labios da caveira...

VORREI MORIRE!

Canta uma voz... É noite... A noite é fria,
o céo gotteja estrellas... Sombra densa.
Doce voz de mulher!... Paira sombria,
na tréva espessa, uma tristeza immensa...

Canta : tem gritos de paixão fremente...
Abre-se o coração — gruta em ruinas —
para sorver-lhe a melodia ardente,
para escutar-lhe as notas crystallinas.

Canta : as notas soluçam... Ha queixumes
longos, tristes, sentidos, dolorosos...
Passam na noite, em lugubres cardumes
todas as queixas dos perdidos gosos...

Almas, que morrem, corações partidos,
em plena flôr, em plena mocidade,
naquelle canto exhalam-se em gemidos,
gemem na angustia de immortal saudade...

Aquella voz, aquella voz sublime
— voz de archanjo e mulher, forte e sonora —
no intenso arroubo, gemedora, exprime
quanta magua de amor o mundo chora!

Os sons que passam, — passam orvalhados
de sangue e pranto... Sôam, lancinantes,
os tristes ais dos peitos despresados,
As supplicas perdidas dos amantes...

— « *Vorrei morire...* » — Como é cedo ainda!
Voz de mulher e moça — e falla em morte!
Lança na noite uma amargura infinda
esse engano tristissimo da sorte.

Dizem que é boa e caridosa a treva,
que o vento lá por fóra nos espaços,
galopando febril, nas azas leva
un fremito de beijos e de abraços...

E, no entretanto, ha labios solitarios,
labios sedentos de gostosos beijos,
almas mortas nos tragicos calvarios
dos impossiveis e fataes desejos!

Quanta tristeza! Aos poucos, se esvaece
a voz que canta... As almas dos Trahidos,
colhendo no ar as notas dessa prece,
ungem na sombra os corações feridos.

Calou-se a voz. Na escuridão furtiva,
não ha canção de brisa, que suspire...
Rola... cáe-me do olhar lagrima esquiva,
soluça o coração: *vorrei morire!*

SILENCIO

> Il s'en plaignit, il en parla :
> J'en connais de plus misérables !
> JOB. *Benserade.*

Cala. Qualquer que seja esse tormento
que te lacera o coração tranzido,
guarda-o dentro de ti, sem um gemido,
sem um gemido, sem um só lamento!

Por mais que dôa e sangre o ferimento,
não mostres a ninguem, compadecido,
a tua dôr, o teu amor trahido :
não prostituas o teu soffrimento!

Pranto ou Palavra — em nada disso cabe
todo o amargor de um coração enfermo
profundamente vilipendiado.

Nada é tão nobre como ver quem sabe,
trancado dentro de uma dôr sem termo,
máguas terriveis supportar calado!

ANALYSE

A ESTELLITA TAPAJOZ

A Analyse é a doença desta idade.
Anda o « Por que? » suspenso em nossas boccas.
Mesmo da dôr ás agonias loucas
levamos do escalpêlo a crueldade.

— Soffres? — Espera um pouco. Dize ao pranto
que espere, em teu olhar maguado e triste,
compara a dôr de agora á que sentiste,
quando perdeste o teu primeiro encanto!

— Rolou-te a gota pelo rosto adiante?
Não a deixes cahir. Toma-a primeiro.
Queremos lhe saber o gosto, o cheiro,
a fórma, a trajectoria vacillante.

Suppõe que tens o coração gelado,
mesmo que o miseravel soffra e gema...
Dá-nos, perfeita, a analyse suprema
do teu mais intimo e cruel cuidado...

Si isto te mata, deixa! É-nos preciso
saber ao certo de que a Dôr é feita.
Não vemos para que, mas nos deleita
fazer parar o mais pequeno riso...

Mas si o Mal, sempre o mesmo, é sem remedio,
e Vida e Dôr são termos semelhantes,
p'ra que gastar os rapidos instantes,
ou nestas maguas, ou no horror do Tedio?

... Partir!... A vela clara aberta ao vento,
mar a fóra, sem rumo, noite escura...
Companheiros: — o oceano, que murmura,
a solemne mudez do firmamento...

Ir sem destino, sempre pela treva,
sempre pelo silencio, pela noite,
onde não zurze a Dôr o negro açoite,
onde o rumor dos homens não se eleva...

Não pensar! Não sentir a aza dos sonhos
roçar a fronte pallida e febrenta!
não saber mesmo si inda o sol alenta
alguem — sob os céos amplos e medonhos!

Não pensar! Não sentir, quando viesse
a Morte, a doce Morte caridosa
ungir-nos a pupilla lacrimosa
do balsamo, que as vidas arrefece!

Isto, sim, fôra o goso, o extremo goso,
em que minh'alma, ás vezes, inda crê :
esquecer o murmurio doloroso
das syllabas malditas do *Por que...!*

PRESAGIO

Noite. Estavamos ambos á varanda...
A doce voz de Rosa
num arrulho de amor, tremente e branda
murmurava uma supplica extremosa...

Beijamo-nos a medo,
furtivamente, como namorados.
Depois quasi em segredo,
entre os protestos mais apaixonados,
Rosa, a sorrir, fallou-me em casamento.

Fitei seus bellos e gentis contornos,
tendo seu corpo do meu corpo junto.
Ia dizer-lhe : « sim »... Nesse momento,
erguendo os olhos para o firmamento,
ví da lua em mingoante os finos cornos...

Ví... Tratei logo de mudar de assumpto.

RESPOSTA A UMA PROPAGANDA

« E, assim, a conclusão unica é que a imprensa deve calar as noticias de suicidios. »

De um jornal diario.

É por que não dizer dos desgraçados
á multidão desesperada e triste
que para a paz dos tumulos sagrados
inda um caminho existe?

E por que — si ninguem antes do berço,
dizendo o que era o humano padecer
nos veiu perguntar si no Universo
nós acaso queriamos soffrer,

vir, agora que nada aqui nos prende,
esconder-nos a porta da Verdade,
porta por traz da qual, calma, se estende
a paz da Eternidade?

O Mal — velho pastor mysterioso,
que os mundos todos guia na amplidão,
tange-os como um rebanho doloroso,
por caminhos de sombra e maldição...

Uiva no abysmo um côro de gemidos,
soluça a voz da Lagrima e da Prece,
— sem que a marcha dos tragicos vencidos
um só momento cesse!

Em procura de um Deus — sempre implorado
e não visto jámais — esse clamor
enche o funebre espaço illimitado
com rugidos e canticos de horror!

Si uma voz nelle pára — uma voz nova
toma no côro o seu lugar perdido:
— e o mesmo eterno som que se renova,
sobe ininterrompido!

Nunca o hymno que cantam loucamente
os que a vida perpassam no prazer
póde o funesto cantico dolente
nos infinitos páramos vencer!

Nada, portanto, ha que temer si um triste,
que abre a porta da Vida e que se evade,
busca o « além » do tumulo, onde existe
a eterna soledade.

Hão de após elle vir tantos e tantos,
votados desde o berço á Dôr e ao Mal,
que o preamar do eterno mar dos prantos
não descerá seu nivel immortal!

Não descerá... que a Dôr, deusa e senhora,
leva os mundos curvados ao seu sceptro!
e eterno, em toda parte, em toda hora,
ergue-se o seu espectro!

Não descerá... que o riso nunca dura
mais que um momento! e só a Dôr sem fim
enche as almas de trevas e amargura!
Não descerá... porque até mesmo emfim,

quando o ventre das mães — a dura guerra
da Especie contra o Ser consciente, visse
e, vencendo-a, infecundo, sobre a Terra
nada mais produzisse,

— a evolução da extranha, intima essencia,
que as cousas para a Vida erguendo vem,
fal-as-hia nascer para a Consciencia
e nasceriam para a Dôr tambem!

SANDALO

Sandalo, aroma moreno e quente,
cheiro que falla,
cheiro que canta, quando se exhala,
canções do Oriente;

voz de perfume, que lembra os gosos
dos levantinos
serralhos, onde beijos divinos
chiam, gostosos...

Sandalo, meigo perfume agreste
que toda a sua
pelle de deusa, sublime e nua,
circumda e veste;

sandalo, agora que eu não a vejo
falla-me d'Ella:
a meus ouvidos a voz revela
do seu desejo...

Diz'-me que riso, diz'-me que anceio,
que pensamento
faz que palpite neste momento
seu morno seio...

Diz'-me e procura da tua essencia
na suavidade
ver si minoras toda a saudade
por esta ausencia...

Sandalo, aroma moreno e quente,
cheiro que falla,
cheiro que canta, quando se exhala,
canções do Oriente.

MEIO-DIA

A LUIZ DELFINO, O MESTRE

Vibra a luz no zenith... É meio-dia. O espaço
arde em chammas. O mar, como a arquejar do esforço,
parece erguer, tremendo, uma armadura de aço;
— cada malha a luzir accende um sol no dorso...

Corvos pairam muito alto : uns traços simplesmente...
Sáem do solo em fogo hálitos inflammados.
De uma floresta ardida, ao longo da vertente,
erguem-se, nus, aos céos os troncos encarvoados...

O estio abrazador queimou toda a verdura :
cobre o despojo secco o vasto campo infindo...
Tudo cahiu... Nem mesmo uma brisa murmura,
melancolicamente as folhas sacudindo...

Nada... nem um rumor... Sobre a terra parece
que a maldição da luz devastadora, passa...
A' limpidez do azul sobe, como uma prece,
quasi ao cimo de um monte, um rôlo de fumaça...

Sóbe como a pedir si o Sol, o deus sagrado,
queimando o Mundo emfim, á Vida nos arranca...
Sóbe... Pia, distante, um gavião esfaimado...
Sóbe... Foge no mar, longe, uma vela branca...

MOTIVOS DE VALSAS

Tournez, tournez, feuilles mortes sur le chemin du néant.
A. Silvestre. — *Motifs de valses.*

Folhas cahidas, que a brisa leva,
que a brisa arrasta nos torvelinhos,
emquanto, triste, pelo ar se eleva
côro de gritos de aves sem ninhos,
sentindo perto da noite a treva...

Na cadencia de um som doce e brando
passe a valsa os anneis enrolando...

Flócos de neve que, lento a lento,
por sobre os campos o céo espalha;
prantos gelados do firmamento
cobrindo a terra de alva mortalha,
que açoita, aos uivos, do Norte o vento...

Na cadencia de um som doce e brando
passe a valsa os anneis enrolando...

Ulúlo immenso das vagas frias
cortando as noites, onde, queixosas,
batendo o dorso das penedias,
das mais pungentes máguas chorosas
psalmeiam, graves, as litanias...

Na cadencia de um som doce e brando
passe a valsa os anneis enrolando...

Farfalho á noite das longas franças
de altos cyprestes, onde, maguadas,
almas de moças e de creanças
das alegrias nunca provadas
gemem, perdidas, as esperanças...

Na cadencia de um som doce e brando
passe a valsa os anneis enrolando...

Tosses de peitos tuberculosos,
quasi sem força, quasi sem vida,
morrendo á furia dos loucos gosos
sempre queimados da ancia insoffrida
de novos sonhos luxuriosos...

Na cadencia de um som doce e brando
passe a valsa os anneis enrolando...

Leves nas sombras os murmuríos
em que nos labios dos solitarios
sahem da febre nos calafrios,
preces de beijos imaginarios,
jaculatorias de desvaríos...

Na cadencia de um som doce e brando
passe a valsa os anneis enrolando...

AQUARELLA

EM FRENTE A UMA DE AMERICO LOPES

É meio dia. Multidões esparsas
de brancas nuvens pelo azul pousadas,
são como bandos de nitentes garças,
em revoadas...

Longe, no vago do ambiente morno,
alta cadeia de elevados montes
fecha co'a linha de subtil contorno
os horizontes...

Repousa a casa... Das dormentes calmas
eis o momento delicioso e brando...
Das bananeiras as compridas palmas
tremem arfando...

Todo o monótono acarneiramento
das vagas sôltas pelo mar a fóra
como rebanho de queixoso armento,
balando, chora...

A PERNAMBUCO

(TRECHO DE UM PAMPHLETO, ESCRIPTO EM 1889)

Leão, leão indomito do Norte,
que Dalíla cortou-te a juba espessa?
onde aprendeste, no temor da morte,
a vergar, curva e tremula, a cabeça?
onde encontraste pela tua historia
tanta vileza, tanta covardia?
onde esqueceste a heroica louçania
da corôa de Gloria?

Tu, que rugiste ao fogo das batalhas,
prompto á lucta dos bravos — bravo e altivo —
em que lençol de lôdo hoje amortalhas
teu antigo valor, leão captivo?
Nada resta em teus musculos de ferro
da força que as prisões quebra no embate
Dorme em teu peito de aço — do rebate
o formidando bérro?

Levam-te os histriões de feira em feira,
domado, a fronte baixa, o olhar choroso
Dizem : — « Foi esta a féra brazileira...
Hoje é mais docil do que um cão medroso! »
Dizem... E, em tuas ancas apontando
os vestigios dos látegos sangrentos,
fazem que os vás seguindo a passos lentos,
manso, curvo ao seu mando.

Que sobresalto iria pelas campas
onde dormem os ossos dos valentes,
se pudessem, erguendo as frias tampas,
ver os seus miseraveis descendentes!
Talvez... talvez os vermes que devorem
algum resto do funebre despôjo
— elles : a ultima expressão do nôjo —
talvez de nôjo córem!

O sólo antigo das legiões de bravos,
perdendo a seiva que os heróes nutria,
hoje — senzala de boçaes escravos —
planta de opprobrios alimenta e cria.
Tudo passou... Tudo varreu o fado
do que na terra dos campeões foi grande!
Nenhuma chamma de valor expande
seu brilho immaculado!

Brilha, Estrella da Patria! É tempo agora.
Raia por sobre as nossas nobres frontes!
Mostrando o berço de uma nova aurora,
enche da luz da gloria os horizontes!

Brilha! Desfaze á tua claridade
todo o negror da covardia nossa!
Faz' que a teus raios, victoriosa, possa
surgir a liberdade!

Ergue-te e clama! Farfalhar de mattas,
mugir de vagas sacudindo o dorso,
todo o sonóro estrondo das cascatas,
das tempestades todo o rude esforço
— ergue-te e clama! — sobre tanto grito,
teu grito apenas se ouvirá troando!
De novos bravos surgirá o bando
do teu torrão bemdito!

NA TREVA

Cae a noite... Lento e lento,
por sobre os prados e os montes
da sombra o crepe cinzento
rola, enchendo os horizontes.

Nem um sussurro de brisa,
frolando em adejo vago
as aguas mansas do lago,
o claro espelho lhes frisa...

Nem um sussurro... No espaço,
somente de quando em quando,
cruza num rapido traço
a aza de uma ave voando...

Cae a noite... Mansa e mansa
uma tristeza se eleva...
Toda a envolver-se na treva,
a Natureza descança...

Mudas e leves, nas sombras
as borboletas incertas
pairam por sobre as alfombras,
batendo as azas abertas...

Noite quasi... Dos lampyros
adejam fulvos cardumes...
Sobem fortes os perfumes
dos calix branco dos lirios...

Na sombra tragica e bella
cessou do oceano o lamento...
De lado a lado, se estrella
todo o azul do firmamento...

Calma... Silencio... Socego...
Onde da vida os rumores?
Acaso as máguas e as dores
dormem da noite ao conchêgo?

Quem pode de humanos peitos
sondando a atroz desventura,
ver de que lutos são feitos
os lutos da noite escura?

Socego, silencio e calma:
tudo illude, tudo mente...
Quem diz a magua que sente
neste momento minh'alma?

Que dôr o ver-me no mundo
desamparado, sósinho,
sem um affecto profundo
orfam de todo o carinho!

Que dôr o lembrar-me agora
que ao braço de outro pendida,
talvez a amante querida
passeie rindo nest'hora!

Que dôr cruel! E, no emtanto,
sorvo do ciume o veneno
sem que o vestigio do pranto
me marque o rosto sereno.

Faço o que faz neste instante
toda a immensa natureza
sei occultar a tristeza:
sob o mais calmo semblante.

PARA UM QUADRO

NO ALBUM DA EX^{ma} SRA D. IDA DE CASTRO

Na vastidão immensa da campina,
jaz um touro por terra, inanimado.
Ao descer, esta tarde, da collina,
velho e sem forças, sucumbiu, cançado.

Passa a aragem da noite, mésta e fina,
sobre o enorme cadaver regelado...
Como folha de espada diamantina,
brilha, distante, a lamina do arado...

Tristes — em triste e desolado chôro —
babando em fios, que o luar aclara
como feixes de prata reluzente,

os bois, em torno, em doloroso côro,
— na noite calma, sob a lua clara —
mugem soturna, lastimosamente...

A UMA DESCONHECIDA

De onde vens tu? Evoco-te, formosa,
e a meu appello, rapida, appareces.
Chegas talvez da patria nebulosa
do Sonho, onde ouves minhas doidas preces...

De onde vens tu, que na minha alma anciosa,
de dia a dia, mais soberba cresces
e, si te busco, lucida, radiosa,
sempre de longe vens, de longe desces?

De onde vens tu, que habitas tão distante
e tão perto de mim, que, a cada instante,
'stás e não 'stás ao lado meu, sorrindo!

De onde vens eu não sei, visão bemdita...
Eu sinto apenas, dentro em mim, que habita
alguma cousa do teu rosto lindo...

PALMARES

A VALENTIM MAGALHÃES

... Os negros fugidos ao captiveiro acampavam nos Palmares, collina plantada de cacaueiros. A lucta foi breve, mas a resistencia foi heroica. Os portuguezes, vencendo, reescravisaram os prisioneiros. O Zumby, o chefe, e poucos mais, preferindo a morte á servidão, suicidaram-se, atirando-se de um alto monte...

Trom de peleja... Negras, pelos ares,
bate as azas de crepe o anjo da Morte...
Matilha de arcabuzes, rouca e forte,
atrôa os invios cêrros dos Palmares.

Quem vence? A Liberdade? O captiveiro?
— Si o captiveiro, troquem por cypreste
o legendario galho de loureiro,
que a frente ao vencedor enrama e veste!

São bem poucos os bravos que, fugindo
da escravidão aos látegos funestos,
rugem, luctando, em desespero infindo,
da batalha febril nos doidos éstos.

Poucos... mas luctam pela Liberdade!
E a Liberdade, quando o sangue inflamma,
ateia do combate á claridade
em cada globulo um cendal de chamma!

Luctam... Gritos perpassam... Surdamente
estouram armas, alto, na montanha...
Dos cacauáes todo o folhal virente
treme ao fracasso dessa grita extranha...

Luctam... Luctam ainda... A Guerra custa
a decidir a tragica injustiça,
quando ha de um lado a fé nobre e robusta
e, do outro lado, a febre da cobiça!

Decresce a furia... Os gritos e rumores
passam mais de vagar no vento brando...
— Subito, estrugem alto os vencedores
hallalís de triumpho, clarinando...

* * *

Tinha acabado a pugna... A Victoria,
num sinistro adejar, negra e sombria,
pingou de lôdo as paginas da Historia
naquelle triste dia!

Fosse menor a patria em que vivemos!
Succumbissem as Quinas muito embora!
Mas os Livres, da Guerra nos extremos,
vencessem nessa hora!

Delles, por isso, a face encarvoada
brilha como a de heróes á luz da fama
e ha na luza bandeira desdobrada
largas nodoas de lama...

* * *

Noite. Fugiam... Cinco ou seis apenas:
um punhado de bravos, a que a morte
menos assusta que a humilhante sorte
dos captivos, vergando a duras penas.

Fugiam, tristes. Uma só palavra
não lhes sahia da cerrada bocca.
— E que palavra reproduz a louca
angústia enorme, que em seus peitos lavra?!

Iam subindo por um alto monte...
De quando em quando, ao cacaual fremente
os olhos alongavam tristemente,
sondando a extrema curva do horizonte:

— ... rôlos de fumo... chammas pela noite,
lambendo o espaço, rubras, amarellas,
... voz de alarma de roucas sentinellas,
arrastadas do vento pelo açoite...

... como em visão de bruxas e de fadas,
como em sabbat de velhas feiticeiras,
enxergavam-se em torno das fogueiras
sombras, por seus clarões ensanguentadas...

Andava a orgia lá por baixo. O vento
trazia, ás vezes, orvalhado em pranto
nas loiras azas de um festivo canto
o som dorído de cruel lamento...

* * *

Quando o grupo chegou ao cimo da montanha,
estacou, silencioso. Uma expressão extranha
vincava em cada rosto um traço de amargura,

Astros : gottas de luz, da etherea curvatura
pingavam, marchetando o céo calmo e profundo.
Do alto, nem um rumor! nem luz se via!
O mundo
jazia amortalhado em uma treva espessa...
Mal de um pico distante a esfumada cabeça
ao poente, sobranceiro, um alto monte eleva,
tapando a luz, manchando a treva de mais treva,
figurando no espaço a gorja escancarada
de um tunnel collossal...
Nem um ruído... Nada...
Pesa cada vez mais um silencio infinito...

De subito, a vibrar, alto, estridulo grito,
imitando o morder da lima sobre o aço,
no escuro, asperamente atravessando o espaço,
corta a noite — e um morcêgo, as azas desdobrando,
faz correr pela sombra um sôpro leve e brando...

Houve no extranho grupo um fremito de susto.

Como acordado a um sonho, o chefe, o mais robusto
dos fugitivos, teve um brusco movimento
e, em vão, tentou fallar...

Mas, sob o firmamento,
o que não disse a voz, presa á garganta, disse-o
um soluço de dôr... Fitando o precipicio,
largo aberto a seus pés, áquelles nobres bravos
surgiu a mesma idéia. Haviam sido escravos,
a moirejar de dia, a soluçar á noite
acurvados ao jugo aviltante do açoite, [dono,
sem patria e sem amor, mais vis que os cães sem
que ao menos livremente erram ao abandono!
Eis que um dia, porém, a liberdade veiu
sacudir-lhes de goso o desgraçado seio
e o vôo santo e bom das loiras alegrias
aclarou-lhes, pairando, as estradas sombrias
por onde tinham vindo. Ao solo dos Palmares,
livres, foram pedir hospitaleiros lares
e encontraram de novo a ventura na terra.
Hoje, porém?

Sinistro, o anjo negro da guerra,
como o da Biblia, outr'ora, ao homem condemnado,
atirava-os por entre as sombras do Passado
da férrea Escravidão á dura gargalheira!

Ao lembrarem assim a sua vida inteira,
lançaram-se, a chorar, num apertado amplexo...
Das estrellas no céo ao tremulo reflexo,
viu-se aos pés do Zumby, o chefe, — mudamente
cada qual se ajoelhar e beijar-lhe tremente
a mão callosa e rude.

Altivo, erguendo o braço,
elle, na negridão do silencioso espaço,
fez o gesto solemne e grave, que abençôa...

E na noite, que a treva, atra e densa, povôa,
enxergou-se do cume um corpo, que, cahindo,
veiu, morto, rolar pelo chão. E, seguindo
aquelle exemplo audaz, o grupo dos guerreiros
— grupo calmo de heróes firmes e sobranceiros —
nem um momento mais poude hesitar : — rolaram
todos, — todos no abysmo os corpos atiraram...

* * *

Quem dos Livres não sinta o sol brilhante e puro
a fronte lhe inundar de viva claridade
e não o espere ver nas sombras do futuro
— saiba que tal caminho — ousado, mas seguro —
vae ter, num ponto só, á Morte e á Liberdade !

EM UM LEQUE

Senhora, eu não serei como esses sacerdotes,
que o « côro dos punhaes » cantam nos Huguenotes,
padres torvos e máos, sedentos de rancor...
Por isto, eu lhe não deito a bençam de meu Verso
neste leque — punhal elegante e perverso,
com que eu sei que fará mil victimas de amor!

ESQUECIDO

A FIGUEIREDO COIMBRA

Pela extensão poeirenta do caminho
em vão o meu olhar se estende e cança!
Nem de uma carta a minima esperança!
A minima esperança de um carinho!

Quem se lembra de mim?—Aqui, sósinho,
minh'alma em sonhos de pezar se lança...
Uma tristeza desolada e mansa
vem constringir-me o espirito mesquinho...

E, emquanto o sol desponta e vibra e morre,
apenas sinto a briza, que percorre
o prado immenso e, ao perpassar, sonora,

ondúla os razos capinzaes frementes,
como si um bando verde de serpentes
fosse emigrando pelo campo a fóra...

ASTROS E SONHOS

Todas as noites, lento e grave o passo,
corre de um anjo a sombra encantadora,
plantando a eterna sementeira loura
nas amplidões do constellado espaço...

Todos os dias, dentro em mim, desperta
um novo sonho, uma chimera nova;
sôpro de alento o coração renova,
prompto á illusão de uma ventura certa...

Mas, no entretanto, quando vem a aurora,
todos os astros pelo azul fenecem
e na minh'alma, quando as trevas descem,
o ardor dos sonhos a morrer descora...

LEMBRANÇAS

DE UM DIA DE ANGUE

« ... A bala o havia alcançado nas proximidades da rua Direita. Levado para a pharmacia Silva Araujo, ahi recebeu os primeiros cuidados do Dr. Honorio Vargas e outro medico presente, que fizeram o possivel para salval-o. Infelizmente, todos os esforços foram mallogrados. Tempo depois, o pequenino veiu a morrer. »

(*Noticia de um jornal diario.*)

São dez horas da noite. O canhão de momento
a momento, rouqueja em cima da cidade;
muge num formidando ululo lutulento,
que espalha uma profunda e tragica anciedade.

Esta tarde, ao cruzar uma rua sombria,
vi um grupo, trazendo um corpo inanimado
e seguí, p'ra saber quem fosse o desgraçado,
cujo sangue da rua as calçadas tingia.

Era um menino. Tinha uns dez annos — si tanto,
um corpo sem vigor, um aspecto mesquinho;
mas ninguem póde crer que pavoroso espanto
lhe havia decomposto o livido rostinho!

Um estertor sem nome o sacudia todo;
sangue havia nas mãos, no rosto, sobre o peito...
E esgazeado, e febril, e de terror desfeito,
seu olhar confessava um soffrimento doudo.

Fôra na testa a bala. Havia ahi, sahindo,
uma hernia de sangue e cerebro amassados;
dous medicos em torno olhavam-n'o, sentindo
que o desfecho fatal tinha instantes contados.

Mal vinha de transpôr o limiar da vida
— uma vida talvez de glorias e ventura —
e subito, ao passar, de negra sepultura
abria-se-lhe, aos pés, a porta sem sahida!

Que olhar! que olhar de dôr! Era preciso a gente
vêl-o, para poder medir sua agonia!
— Lia no nosso rosto a sentença inclemente
e era horrivel notar a expressão que assumia!

Sua bocca não tinha uma queixa, um gemido:
só se ouvia offegar o peitinho arquejante...
Mas o olhar, mais que tudo, o olhar agonisante
era o grito maior, que eu jámais tenho ouvido.

Ao acabar de ver essa creança morta,
quando meu filho veiu, estendendo-me os braços,
esperar-me, a sorrir, da minha casa á porta,
— apertei-o a chorar entre beijos e abraços.

Ah! maldito o que açula os horrores da guerra!
Maldita essa ambição de poderio e mando,
que, para levantar seu dominio execrando,
sangue e pranto de irmãos faz correr sobre a terra!

Janeiro de 1894.

PEDINDO JAULA...

Nada te falta, perigosa fera...
Do teu corpo na graça leve e fina
tu tens o mimo, a seducção felina
das langues curvas de sensual panthera...

Como o da aguia real que aves lacera
tens o collo de alvura peregrina...
Mora a noite em teus olhos, a assassina
noite, onde o crime como um rei impera...

Sangue dos sonhos meus, que vão em bando
na tua bocca fenecer sangrando,
ha no teu labio, de vermelho tinto...

E si as garras até alguem em vão
procura em tí, — é que só eu as sinto,
profundamente, no meu coração...

BANDEIRANTES

A THOMAZ DELFINO

O clarão da alvorada, lento a lento,
dos picos do levante se desfralda.
Á dubia luz, o vasto firmamento
é como enorme e pallida esmeralda.

Anda um presentimento de rumores
na quietação silente da floresta.
Da ramaria espessa em cada fresta
côa a manhã os timidos alvores.

A cabeça de um deus guilhotinado
surge emfim dos rubentes horizontes :
rola-lhe o sangue quente e avermelhado,
tingindo os valles, colorindo os montes...

Tudo desperta. A passarada viva
rompe dos ninhos, sacudindo trillos...
Rolam regatos mansos e tranquillos
leve canção mimosa e fugitiva...

O gottejo monotono do orvalho
— lucida poeira de astros multicores —
pinga de cada humedecido galho,
irisando as campanulas das flôres.

Vozes... sussurros... ave, que recorta,
de azas abertas como negros traços,
a ampla serenidade dos espaços,
que a luz clara do sol banha e conforta...

Como joias de esplendido thesouro
de uma visão de bemfazeja fada,
pendem dos cajueiros fructos de ouro
entre as folhas de côr ensanguentada...

As arapongas em terriveis gritos
estridúlam alarmas de guerreiras...
Os cocorutos brancos das paineiras
tremem, como cabeças de velhitos...

Batendo a cauda, as ancas ondulosas
sob o pello sedoso e luzidío,
féras, por sobre as folhas rumorosas,
pisam com passo lépido e macio...

Os farrapos de nuvens pelos ares
vão se tornando cada vez mais vagos
e sobre a superficie azul dos lagos
boiam, brancos, os brancos nenuphares...

Vôo de anús perpassa em negro bando,
aos píos, a aza aberta... Nos caminhos
as pombas-rôlas se detêm ciscando,
leves, com a ponta rosea dos biquinhos...

Dos calices de alvissimo velludo,
que levantam á luz, immaculados,
sóbe o aroma dos lyrios nos vallados,
embalsamando, perfumando tudo...

Confundidas em grupos irrequietos,
soltos á brisa em turbilhão fremente
— azas de flôres, petalas de insectos
voam nos ares indistinctamente...

O sol penetra pela matta a dentro.
Apontam... passam... somem-se, distantes,
homens de aspecto audaz... São bandeirantes
que vão buscando dos sertões o centro.

DIGITALIS PURPUREA

(MADRIGAL THERAPEUTICO)

Das digitalis rubras no teu labio
ha talvez mais do que a vermelha côr,
deve haver dos teus beijos no resabio
um veneno letifero e traidor.

Como o da flôr de calix purpurino,
igual na forte e venenosa acção,
da tua bocca o virus assassino
deve atacar o nosso coração...

EM 14 DE JULHO DE 1889

Esta poesia foi publicado na manham de 14 de julho de 1889, no *Diario de Noticias*. O que ahi se previa succedeu. A policia alistore ex-excravos e soltou bandidos prescs, para atacarem, nas vuas da cidade, os repubricanos. Era regente a Princeza Isabel.

Pois que sôa ha cem annos, rija e grande,
a voz augusta da Fraternidade,
e o rutilo fulgor da Liberdade
sobre o mundo se expande;

pois que somos da patria dos condores
e que os temos do azul nas amplidões
para mostrar da altura os esplendores
aos nossos corações;

e pois que somos moços, pois que somos
os herdeiros do heroico Tiradentes
e sentimos do sangue dos valentes
os terriveis assomos,

— é de covardes vilania e crime
não jurar — sacratissimo dever ! —
ou a Republica acclamar, sublime,
ou por ella morrer !

A Victoria ha de vir! — Ella conhece,
conhece bem os corações dos bravos;
dos mercenarios batalhões de escravos
não ouve a infame prece!

Si fôr mister o sangue — pouco importa —
— temos sangue de mais para lhe dar:
A' fé que nos alenta e nos conforta
nada pode assustar!

Pódes descer, fanatica princeza,
a abrir os calabouços dos bandidos,
pódes sujar a cauda dos vestidos
do lodo na torpeza,

pódes mesmo, entre o brilho das navalhas,
ao nosso encontro, destemida, vir...
Pódes... Por mais traições de que te valhas,
não se illude o Porvir!

E o porvir somos nós: a Mocidade!
E a Mocidade é sempre vencedora!
Saberemos erguer triumphadora,
em breve, a Liberdade!

Então, Aguia da França, a aza robusta
do condôr brazileiro, ha de, afinal,
poder levar-te a saudação augusta
de um povo fraternal!

Mas si, antes disto, alguem na praça publica
rolar ferido por um crime infando,
esse — quem quer que seja! ha de, tombando,
gritar: Viva a Republica!

CANÇÃO DE ALVORADA

Para acordar-te quando venha o dia,
rompendo á luz da aurora,
sei de uma doce e languida harmonia
de uma canção sonora...

Has de escutal-a, magica, vibrando
sobre o teu corpo em flôr,
desenrolada num gorgeio brando
de caricias de amor!

Has de sentil-a longamente, em beijos,
cantar na minha bocca
a supplica fremente dos desejos
da paixão a mais louca!

Toda a tua epiderme branca e fina,
sedenta de prazer,
ha de, ao calor dessa canção divina,
de goso estremecer...

E sentindo-te sempre tão querida,
tão calma has de acordar
que ha de em vão a teus pés rugir na vida
da Dôr o escuro mar!

VIAJANTES

A GASTÃO BOUSQUET

Cáe o sol... Matta virgem. A arcaria
das folhas treme compassadamente...
Do céo por entre a espessa ramaria,
vê-se, em manchas, o glauco transparente...

Chovem da matta seccos estalidos :
— ramo que cáe ou folha que se pisa...
Mal a caricia tépida da brisa
sacode os fios dos cipós pendidos...

No bocejo sombrio da lagôa
colhem as azas brancas lentamente
os nenuphares sobre as quaes revôa
dos mosquitos o côro impertinente...

Pela esteira cinzenta do caminho
passaros pulam, leves e tranquillos...
Outros, ruflando as plumas em pipilos,
chegam, cantando á tepidez do ninho...

Anda um perfume pelo bosque inteiro...
Brancas, juncando o chão, brancas e finas,
abrem-se as flôres mil do cajueiro,
mesclando o cheiro ao cheiro das resinas...

Nas amplidões do firmamento baço
a sombra — polvo escuro — estende e corre
os tentaculos negros pelo espaço,
sugando a luz, que pouco a pouco morre...

Vem a treva pesando, lenta e grave;
lento e grave, o silencio vem pesando...
Não ha dos bosques no sussurro brando
mais que das folhas o rumor suave...

Noite. Os astros apontam scintillantes.
Semelha o vasto céo, de extremo a extremo,
chão juncado de flôres chammejantes,
para a passagem de algum deus supremo...

Treva densa. Silencio... Voz sonora
turba de subito o socego infindo:
— são viajantes que vêm... que vão seguindo...
que vão cantando pela estrada a fóra...

INVENCIVEL

(EDMOND HARAUCOURT)

Mulher, tu, a quem deu tanto e tão pouco a sorte,
deixa o nosso destino insultar-te a victoria
e, ao sentir o clamor, que contra a tua gloria
nós erguemos — domina, avassallando a morte.

Reina! Tu és o asylo unico, o unico norte!
És o Lethes, que apaga as máguas da memoria!
Alvo da nossa vida, aurora promissoria, [forte!
por ti — o homem sonhou ser um deus calmo e

Mesmo a soffrer, da dôr nos transes mais supremos,
podemos te negar e escarnecer — podemos
a teus pés não curvar o joelho rebellado:

basta que do teu corpo um pouco se desvende,
logo a nossa razão, perdida, se desprende
como o vôo, a fugir, de um passaro assustado!

PSALMO

A FILINTO DE ALMEIDA

Eu sinto que a Loucura anda rondando
o meu cerebro exhausto e fatigado.
Das Allucinações o torvo bando
dansa no meu olhar negro bailado...

Chega-te, doce Amiga! mas não tragas
tristes visões de fundas agonias:
antes as minhas vê si tu esmagas
nas tuas brancas mãos, magras e frias!

Deusa! Senhora! Mãe dos desgraçados!
Consoladora da Miseria Humana!
que eu não escute da Razão os brados
ó Minha Nobre e Santa Soberana!

Dize ás matilhas de teus Pesadellos
que estrassalhem nos dentes os meus sonhos!
que matem! que espedacem meus anhelos!
meus desejos mais santos! mais risonhos!

Para arrancar este cruel tormento,
que na minh'alma desolada mora,
extirpa-me este cancro : o Pensamento,
que em martyrios horriveis me devora!

Que não fique uma idéa — uma que seja!
Mata-as como serpentes venenosas!
Enche de paz e sombra bemfazeja
do meu cerebro as cellulas trevosas!

Que a sensação gostosa de vasio,
que ha de meu craneo ás vezes nos arcanos,
o torne como o carcere sombrio
de um castello deserto, ha milhões de annos!

E andem por fóra as loiras primaveras,
ou do inverno os horrores soluçante
quando, através das grades, como ás feras,
me mostrarem no hospicio aos visitantes,

eu não tenha em meus olhos apagados
o mais frouxo clarão de intelligencia,
átona a face, os labios afastados
num sorriso boçal de inconsciencia...

E elles, vendo-me rir, julguem com pena
que, atraz de um sonho, meu olhar vagueia,
sem notar que minh'alma jaz serena,
ás alegrias como a tudo alheia.

Calmo e insensivel, p'ra fallar ao mundo
jámais haja uma phrase em minha bocca!
E, quando a voz escape-se do fundo
de minha guela — pavorosa e rouca —

á hora em que do mar o undoso açoite
batendo a encosta, rijo, tumultúa,
que, estrídula, cortando a fria noite,
seja como a de um cão, uivando á lua!

NUM ALBUM

Eu não preciso repetir-lhe agora
o que lhe mostra o espelho todo dia :
— dizer que o seu olhar fulge e radía,
— dizer que a sua bocca é côr da aurora.

E a que viria aqui, Minha Senhora,
qualquer lisonja, si a lisonja é fria
ante a sua belleza que extasia
todo aquelle que nella o olhar demora?

Nem busco aos versos imprimir a norma
dos grandes mestres de correcta fórma :
não tenho força para aqui domal-os.

Quero sómente — e é desmedida gloria —
que me guarde num canto da memoria,
no anonymato humilde dos vassallos.

SISYPHO

AO DR. DERMEVAL DA FONSECA

... « Cada dia, que vem, tenho a esperança
de ver si acabo a inexoravel pena,
que — ha seculos sem fim — como vingança,
o odio dos deuses contra mim ordena.

Em vão espero! Minha mão se cança
a pedra ao-alto a levantar, serena;
nem mesmo o cimo do declive alcança,
a novo esforço meu vigor condemna!

Não supponhaes talvez que me consola
ser leve o peso que meu braço rola,
ser pequenina a altura a que o levanto.

É outro — e mais cruel — o meu desgosto,
porque o monte, que eu subo — é vosso rosto...
porque a pedra. que eu ergo — é vosso pranto... »

VERSOS DE AMOR

Paixão? Loucura? Que palavras podem
dizer os desvarios, que sacodem
do nosso peito a mentirosa calma,
quando por deante nós ella deslisa,
e indifferente e descuidosa pisa
os anceios mais puros de noss'alma?

Quando ella passa, um toque de rebate
sôa nos corações;
dentro de cada peito as azas bate
um tropel de canções!

Como alguem que ao seguir pelos caminhos
onde saltam brincando os passarinhos
faz que elles vôem, ao sentirem passos,
quando ella segue, um sôpro de desejos
levanta em nós a tentação dos beijos,
a tentação dos lubricos abraços...

Polvo de luz, o seu olhar estende
tentaculos subtis
e almas e corações domina e prende
em seus raios febrís...

A ondulação voluptuosa e mansa
de um corpo de mulher e de creança
leva-a, como embalada docemente...
Cantam psalmos de affecto em torno d'ella...
Cada gesto murmúra : — « Como é bella! » —
— « Como eu a adoro! » — cada peito sente!

Num desfolhar de petalas sonóras,
em arrulhos de amor,
hão de as palavras deslisar, canóras,
da sua bocca em flôr...

Na voz, pairando no ar, hão de em cardumes
os turbilhões de Beijos e Perfumes
azas abrir, num murmurío brando..,
E ha de se ouvir como que um som de prece
de algum côro de archanjos, que descesse
jaculatorias de paixão rezando...

PARA NAO FAZER UM MADRIGAL...

É bem de ver que aqui, Minha Senhora,
não posso, como era costume d'antes,
fazer-lhe um desses madrigaes galantes,
cuja ousadia não se atura agora.
Para contar assim — facto sabido —
que é um mimo de graça e de belleza
não me atrevo a dizer-lhe, com certeza,
que tentaria o proprio deus Cupido.

Pobre deus despresado!
Neste instante,
até mesmo o seu nome esqueceria,
si não tivesse tido, noutro dia,
um sonho extravagante.
Calcule :
Era no Olympo. Reunidos
em assembléa, os numes poderosos
ouviam, attenciosos,
de Cupido os reclamos e pedidos :

« — Já não sou mais — dizia — lá no mundo
« o deus conquistador que d'antes era;
« já mais forte o poder agora impera
« do humano egoismo, cynico e profundo.
« Ás minhas settas chama a humanidade
« brinquedo de ridicula creança;
« meu arco já nem fere, nem alcança
« dos peitos sem amor a crueldade.

« No escudo de Minerva, outrora, havia
« uma arma singular : era a figura
« de Medusa, tão tragica e sombria,
« que a sua extranha e negra catadura
« bastava a qualquer um, assim que a via,
« para, vencido de um terror sagrado,
« por terra se rojar, anniquilado.

« Pois bem : eu quero uma arma victoriosa,
« que tudo assim ao meu poder reduza :
« que seja um rosto, como o de Medusa,
« mas Medusa de amor, meiga e mimosa.
« Vença ao chegar! Imponha-se, altaneiro,
« pelo olhar, pelo gesto, pela graça!
« Talisman da belleza — a todos faça
« da seducção cahir no captiveiro...
« — Deuses, tal é o meu desejo ardente. »

Ao dizer isto, o loiro deus calou-se.
Fez-se um silencio.
Em voz placida e doce,
Jove então lhe volveu, calmo e descrente :

« — Não serei eu que o teu pedir rejeite...
« Certo, o meio é sagaz; mas não atino

« onde possas achar tão peregrino
« rosto que, assim, o teu escudo enfeite,
« si até de tua mãe á formosura
« a humanidade já resiste agora...
« Busca, entretanto, algum — e sem demora,
« terás o que teu voto hoje procura. »

Fez-se então pelos céos um alarido
de propostas, de nomes e de ciumes.
Mas entre as discussões e entre os queixumes,
ninguem póde agradar ao deus Cupido.

Nisto, porém, meu sonho foi cortado
— sonho que mesmo agora, neste instante,
eu não sei de que idéa extravagante
possa dentro de mim ter germinado :
ninguem pensa, hoje em dia,
nos velhos deuses da mythologia...

Mas como um sonho, quando nos abala
volta, ás vezes — bizarra coincidencia! —
ha de perdoar a minha impertinencia,
si, tal acontecendo, ousar lembral-a.
Verá que as lutas e a rivalidade
em que o ciume dos deuses se consome
cessará por encanto — do seu nome
ante a sublime e excelsa magestade,
dando em tal solução sem mais detença,
para o litigio esplendido final...

E, aqui, Vossa Excellencia me dispensa
de deixar neste livro um madrigal.

INDICE

CANÇÕES DA DECADENCIA (1885-1887)

PECCADOS (1887-1889)

ULTIMOS VERSOS (1888-1901)

Paris. — Tip. H. GARNIER, 6, rue des Saints-Pères. 394.12.03.

EXTRACTO DO CATALOGO

DA

LIVRARIA DE H. GARNIER

71, rua do Ouvidor, 71	**6, rue des Saints-Pères, 6**
RIO DE JANEIRO	PARIS

I. — LITTERATURA

1.º — PROSA

Ancia eterna. Romance de JULIA LOPEZ DE ALMEIDA. 1 vol in-18 enc. br. . . . .

Alfarrabios. Chronica dos tempos coloniaes, por J M DE ALENCAR ; contendo :
I. **O Garatuja**. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br . . . . 2$000
II. **O Ermitão da Gloria** e a **Alma de Lazaro**. 1. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Alma (A) e o cerebro, estudos de psychologia e de physiologia, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º. 8$000

Baroneza (A) de amor, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 2 vs. in-8.º enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Ben-Hur. Romance dos tompos de Jésus-Christo, por LEWIS WALLACE. 1 vol. br. 3$008, enc. . . . . 4$000

Brazileiras celebres, por J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 1 v. in-8.º enc. . . . . 3$000

Caça (A) de um baronato. A herança esperada e inesperada, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . 1$000

Casa de pensão, por ALUIZIO AZEVEDO, 1 v. in-8º enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Casamento de tirar o chapéo. O Diabo não é tão feio como se pinta. Charadas da Campanha. Uma viagem ao sul do Brazil, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1$600 br. . . 1$000

Carteira (A) do meu tio, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 3$000 br. . . . . 2$000

Casamento (Um) no arrabalde, por FRANKLIN TAVORA 1 v. in-4.º br . . . . 1$000

Chanaan, Romance de GRAÇA ARANHA (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 br. 4$000, enc. 5$000, souple. . . 6$000

Ciganos no Brazil (Os). Contribuição ethnographica, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO, 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. 2$000

Cinco minutos. A Viuvinha. Romances, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Commentarios e Pensamentos, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-8.° enc. 4$000, 3$000

Condessa vesper (**A**), por ALUIZIO AZEVEDO. 1 vol. in-18 enc 4$000, br . . . . 3$000

Confederação (**A**) **dos Tamoyos**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 1 v. . . . . 8$000

Contos da roça, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR, 2 vs. enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Contos ephemeros, por ARTHUR AZEVEDO, 1 v. enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Contos Fluminenses,, contendo Miss Dollar, Luiz Soares. A mulher de preto. O segredo de Augusta, Confissão de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8°. enc. 5$000, br. . . . 4$000

Contos fora da moda, por ARTHUR AZEVEDO (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 enc. 4$000, br . . . . 3$000

Contos possiveis, por ARTHUR AZEVEDO, 1 v. in-8°. enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Contos sem pretenção. A alma do outro mundo. O ultimo concerto. O homem e o Cão, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.° enç. 3$000, br. . . . . 2$000

Correr (**Ao**) **da Penna.** (Folhetins.) Revista hebdomaearia das paginas menores do « Correio Mercantil », por J. M. DE ALENCAR, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Cortiço (**O**), por ALUIZIO AZEVEDO, 1 v. in-8.°, enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Coruja (**O**), por ALUIZIO AZEVEDO, 1 v. in-8.°, enc. 4$000 br. . . . . 3$000

Crime (**O**) **do Padre Amaro**, por EÇA DE QUEIROZ, 1 gr. v. in-8° br. . . . . 9$000

Culto (**O**) **do Dever**. Romance, pelo do Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-8.° enc. 3$000 br. . . . . 2$000

Curiosidades, Noticias e variedades historicas brazileiras, por MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8°. enc. 3$000, br. 2$000

Curso de litteratura brazileira. Ou escolha de varios trechos em prosa e verso de autores nacionaes antigos e modernos, seguido dos *Cantos do Padre Anchieta*. pelo Dr. A. S. DE MELLO MORAES FILHO, 3.ª edição consideravelmente melhorada. 1 grosso v. in-4.° enc.. . . . . 6$000

Curvas e Zig-Zags. Contos humoristicos, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . . . 2$000

Diva. Perfil de Mulher. Romance, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Dom Casmurro, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Dôr, por ESCRAGNOLLE DORIA. Livro de contos, 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Dous (**Os**) **Amores.** Romance brazileiro, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . 4$000

Dous dias de felicidade no campo, seguido do Curso de experiencia repentina. Pensamentos de pequena superficie,

mas de grande profundidade. O relogio de Gertrudes, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . . 1$000

Doutor (O) Benignus, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR. 2 vs. in-8.° enc. 2$000 br. . . . . 3$000

Ensaios de sociologia e litteratura, por SYLVIO ROMERO (da Academia Brazileiro). 1 vol. in-8.° enc. 5$000, br. 4$000

Epochas e Individualidades. Estudos litterarios por CLOVIS BEVILAQUA. 1 v. in-8.° enc. 4$000 br. . . . . 3$000

Ermitão (O) da Gloria, A Alma de Lazaro, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° 3$000 br. . . . . 2$000

Ermitão (O) de Muquem, ou a historia da romaria de Muquem na provincia de Goyaz, romance de costumes nacionaes, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Esboços Litterarios, por ABHERBAL DE CARVALHO. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br . . . . 3$000

Escriptos e Discursos litterarios, por J. NABUCO (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 enc. 5$000, br. . 4$000

Estudos de Litteratura brazileira, por JOSÉ VERISSIMO (da Academia Brazileira). 3 vols, in-18, cada vol. amador 6$000, enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Escrava (A) Isaura, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Estudos e Ensaios, por J. C. DE SOUZA BANDEIRA. 1 vol. in-18 enc. 4$000 br. . . . . 3$000

Factos do Espirito Humano, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 1 v. in-8.° enc. 8$000, br.. 6$000

Factos e Memorias. Romance por MELLO MORAES Filho. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

A Familia Agulha, por LUIZ GUIMARÃES junior, 2 vols. in-18 enc. 6$000, br . . . . 4$000

Fantina, scenas da escravidão, por F. C. DUARTE BADARÓ. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . . 1$000

Fatalidades (As) de dous jovens. Recordações dos tempos coloniaes, por TEIXEIRA E SOUZA. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. 4$000

Favos e Travos, por ROZENDO MUNIZ. Romance. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Foragido (O), por PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO, com uma noticia biographica, por J. M. CARDOSO DE OLIVEIRA. 1 v. in-8.°, enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Festas e tradições populares do Brazil, pelo Dr. MELLO MORAES Filho, 1 v. com illustracções, in-4.° enc. 8$000 br. . . . . 6$000

Forasteiro (O), pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 3 vs. in-8.° enc. 9$000, br. . . . . 6$000

Os Francezes no Rio de Janeiro. Romance historico, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000

Garatuja (O), por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Garimpeiro (O), romance por BERNARDO GUIMARÃES, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Gaúcho (O), por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Guarany (O). Episodios da Historia do Brasil nos primeiros tempos coloniaes, por J. M. DE ALENCAR. 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Girandola de Amores já publicado com o titulo. Mysterio da Tijuca, litteratura dos vinte annos, por ALUIZIO AZEVEDO, 1 vol. in-8.° enc. 4$000. br. . . . . 3$000
Guerra dos Mascates, chronica dos tempos coloniaes, por SENIO (J. M. ALENCAR). 2 v. in-8.° enc. 6$000 br. . . 4$000
Guerra dos Mundos, par H.-G. WELLS. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Helena, romance, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Historias Brazileiras, por SYLVIO DINARTE. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000
Historia da litteratura Brasileira, por SYLVIO ROMERO. 3 vols. in-8.° enc. 24$000, chagr. 30$000. Vendem se cada volume separadamente enc. 8$000, chagr . . . . . 10$000
Historias da Meia Noite, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc, 3$000, br. . . . . 2$000
Historias sem data, por MACHADO DE ASSIS. 1 vol. in-8.° enc. 3$000, br . . . . 2$000
Holocausto, romance por XAVIER MARQUES. 1 v. in-8.° enc 4$000, br. . . . . 3$000
Homem (O), por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Homens e cousas estrangeiras, por JOSÉ VERISSIMO (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 enc. 5$000, br. . 4$000
Homens e livros, por MAGALHÃES DE AZEREDO (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 enc. 4$000, br . . . . 3$000
Hora (A), por NECTOR VICTOR. 1 vol. in-18 enc 4$000 br. . . . . 3$000
Ilha (A) **maldita**. — **O pão de Ouro**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Indio (O) **Affonso**, seguido de : **A Morte de Gonçalves Dias**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . . 1$000
Instrucção (A) **publica no Brazil**, pelo Conselheiro Dr. JOSÉ LIBERATO BARROSO. 1 v. in-4.° enc. . . . 7$000
Iracema, lenda do Ceará, por J. M. DE ALENCAR, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000
Lendas e Romances. Uma Historia de Quilombolas. A Garganta do Inferno. A Dansa dos Ossos, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.°, enc. 3$000, br. . . . . . . 2$000
Litteratura do Norte, por FRANKLIN TAVORA : 1° O *Cabeleira* — 2° O *Matuto* — 3° O *Lourenço* — 4° *Um casamento no arrabalde*. 4 v. in-18 que se vendem separamente, cada vol. enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Livro (O) **de uma sogra**, por ALUIZIO AZEVEDO, 3.ª edição. 1 v. in-8.°, enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Lobos de Pariz (Os), por JULIO LERMINA. 3 v. br. . 9$000

Lourenço de Mendonça. Episodio dos tempos coloniaes, pelo Dr. Moreira de Azevedo. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Luciola. Perfil de Mulher. Romance, por J. M. de Alencar, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br . . . . 2$000
Luneta (A) magica, pelo Dr Joaquim Manoel de Macedo. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Mãe Tapuia (contos), por Medeiros e Albuquerque (da Academia Brazileira). 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . 3$000
Maias (Os), episodios da vida romantica, por Eça de Queiroz, 2 grossos volumes in-8.° br. . . . . 16$000
Mandarim (O), por Eça de Queiroz, 1 v. in-8.°, br. 4$000
Manuscripto de uma mulher, pelo visconde de Taunay, 1 v. in-8.°, enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Mares e Campos. Contos, por Virgilio Varzea. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. 3$000
Mariposas, romance brazileiro, por Edmundo Frank 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Martyres da vida intima, por Pires de Almeida. Photographias. 1 v. in-12 enc. 1$600 br. . . . . 1$000
Martyrio (O) do Tiradentes, ou Frei José do Desterro, lenda brazileira, por Norberto de Souza e Silva. 1 v. in-12, enc. 1$600, br. . . . . 1$000
Mauricio ou os Paulistas em S. João d'El-Rei, por Bernardo Guimarães. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . . . 4$000
Memorias posthumas de Braz Cubas, por Machado de Assis. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Memorias da rua Ouvidor, pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo. 1 v. in-4.° enc. 4$000, br . . . . 3$000
Memorias de um Sargento de Milicias (romance de costumes brazileiros), por M. A. de Almeida, precedido de uma Introducção litteraria, pelo Dr. José Verissimo, da Academia brazileira. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . 2$000
Memorias do Sobrinho de meu Tio, pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo. 2 vs. in-8° enc. 6$000, br. . . 4$000
Minas (As) de Prata. Complemento do « Guarany ». Episodio da Historia do Brazil nos primeiros tempos coloniaes. Romance historico; por J. M. de Alencar. 3 v. in-8.° enc, 12$000, br. . . . . 9$000
Minha Formação, por Joaquim Nabuco (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 amador 6$000, enc. 5$000, br. . 4$000
Mocidade de Trajano, por Sylvio Dinarte. 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Moço (O) Loiro, pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo. 2 vs. in-8.° enc. 6$000 br. . . . . 4$000
Modernas ideias (As) na Litteratura Portugueza, por Theophilo Braga. 2 vs. enc. 12$000, br. . . . . . . 10$000
Moreninha (A), pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Morthala de Alzira (A.). Romance. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Morte dos Deuses. Romance, por DMITRY DE MEREJKOWSKY. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br . . . . 3$000
Morte moral (A). Novella por A. D. DE PASCUAL. 4 v. in-8.° enc. 16$000, br. . . . . 12$000
Parte primeira. — *Cesar*.
Parte segunda. — *Antonieta*.
Parte terceira. — *Annibal*.
Parte quarta. — *Almerinda*.
Mulato (O). por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Mulheres (As) de Mantilha, romance historico, pelo, Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v. in-8.° enc. 6$000 br. . . . . 4$000
Mysterios da Tijuca. Vide *Girandola de Amores*.
Mythos e Poemas. Nacionalismo, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. 1 v. enc. 4$000, br . . . . 3$000
Namoradeira (A). Romance pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.° enc. 9$000, br. . . . . 6$000
Narrativas militares (scenas e typos), por SYLVIO DINARTE. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Nina. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
No Declinio, por Visconde de TAUNAY. 2ª edição, 1 vol. in-18 enc. 4$000, br . . . . 3$000
Noivo (Um) a Duas Noivas. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.° enc. 9$000, br. . 6$000
Nocturnos. Prosa, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR, com uma introducção do Conselheiro JOSÉ DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Noivos (Os) de MANZONI . . . . 10$000
Novellas, por Dr FABIO LUZ. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br . . . . 3$000
Novellas extraordinarias. Contos, por EDGARD POË. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Novena do Candelaria (A), 1 nitido vol. enc. dourada 5$000
Novos estudos de Litteratura Contemporanea, por SYLVIO ROMÉRO. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . 4$000
Obras de H. de Balzac :

Eugenia Grandet.
O Lyrio do valle
O Tio Goriot.
Physiologia do casamento.
Esplendor e miseria das cortezãs.

D cada vol. enc 3$000, br . . . . 2$000
Obras do Dr. ANTONIO FERREIRA. 4.ª edição annotada e precedida de um estudo sobre a vida e obras do poeta, pelo conego FERNANDES PINHEIRO, 2 vs. enc. 8$000, rica enc. . . . . 12$000
Obras de MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO, precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de Souza e Silva. 5.ª edição, inteiramente refundida e augmentada. 3 v. in-8.° enc. 9$000, br. 6$000
Opusculos historicos e litterarios, pelo Dr. J. G. DE

MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 2.ª edição. 1 v. in-4.º enc. . . . . 8$000

Opusculos recreativos e populares, pelo Dr. HAMVULTANDO. 1 v. in-4.º enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Ouro sobre azul, pelo visconde DE TAUNAY, 3.ª edição. 1 v. in-8.º enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Paginas recolhidas, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Papeis avulsos, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Passeio (Um) pela cidade do Rio de Janeiro, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-4.º com numerosas estampas. . . . . 8$000

Pata (A) da Gazella, por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Pégadas, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Philomena Borges, por ALUIZIO AZEVEDO, 2.ª edição. 1 v. in-8.º enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Primo (O) Bazilio episodio domestico, por EÇA DE QUEIROZ, 1 grosso volume in-8.º br. . . . . 8$000

Prosadores contemporaneos brasileiros, por MELLO MORAES Filho. 1 vol. in-18 cartonado . . . . 3$000

Provinciano (Um) ladino. Onde se encontra a verdadeira felicidade, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . 1$000

Quadros e chronicas, por MELLO MORAES FILHO, com um Estudo por SYLVIO ROMÉRO. 1 v. in-8.º enc. 6$000, br. 5$000

Quatro (Os) Pontos Cardeaes. A Mysteriosa. Romances, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br . . . . 2$000

Quineas Borba, por MACHADO DE ASSIS. 1 v v. in-8.º enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Quo Vadis. Romance, por HENRYCK SIENKIEWICZ, amador. 1 vol. in-18 5$000, enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Regeneração. Romance social, por CURVELHO DE MENDONÇA. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Reliquia (A), por EÇA DE QUEIROZ. 1 v. in-8.º br. . 6$000

Resurreição. Romance, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Resurreiçao dos Deuses. Romance, por DMITRY DE MEREJKOWSKY. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br.. . . . . 3$000

Retirada da Laguna (A), pelo Visconde DE TAUNAY, traducção do Dr. B. F. RAMIZ GALVÃO. . . . . 5$000

Rio (O) do Quarto, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Romances da Semana, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 2$000, br. . . . . 3$000

Rosa. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6$000, br . . . . 4$000

Rosaura, A Engeitada, romance brazileiro, por BERNARDO GUIMARÃES, 2 vs. in-8.º, enc. 6$000, br . . . . . . 4$000

Sabedoria e O Destino (A), por M. Mæterlinck. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br . . . . 3$000
Scenas da vida republicana, reminiscencias do feliz tempo escolar, por Fausto. 1 v. in-12 enc. 1$600 br . . . 1$000
Seminarista (O), romance brazileiro por Bernardo Guimarães. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Senhora. Perfil de Mulher, por J. M. de Alencar. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Sertanejo (O), romance brazileiro, por J. M. de Alencar. 2 vs. in-8.º enc. 6$000 br. . . . . 4$000
Sonhos d'Oiro, por J. M. de Alencar. 2 vs. in-8.º enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Tronco (O) do Ipé, por Senio (J. M. de Alencar). 1 v. in-8.º enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Til. Romance, por J. M. de Alencar. 2 vs. in-8.º enc. 6$000. br. . . . . 4$000
Ubirajara, lenda tupy, por J. M. de Alencar. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br . . . . 2$000
Ultimo. Romance, por Machado de Assis, da Academia brasileira. 1 vol. enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Uma lagrima de Mulher, por Aluizio Azevedo. 2.ª edição, enc. 4$000, br . . . . 3$000
Varias historias, por Machado de Assis, da Academia brasileira. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Vicentina, romance, por Joaquim Manoel de Macedo, 2 vs. in-8.º enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Victimas Algozes (As). Quadros da Escravidão pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo. 2 vs. in-8.º enc. 6$000 br. . . . . 4$000
Yáyá Garcia, por Machado de Assis. 2.ª edição, 1 v. in-8.º enc. 5$000, br. 4$000

2.º — POESIA

Album do Trovador Brazileiro, escolha de lindas modinhas recitativos, lundús, romances, arias, canções, melodias, etc., etc. 1 vol. in-8.º br. $500
Alcyones, poesias por Carlos Ferreira. 1 vol. in-8.º enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Alvoradas, versos de Lucio de Mendonça. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Americanas, poesias, por Machado de Assis. 1 v. in 8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Aspasia, poesias, pelo Conselheiro Pereira da Silva. 1 vol. in-8.º nitidamente impresso, enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Brazilianas, poesias por Manoel de Araujo Porto-Alegre. 1 vol. in-8.º enc. 6$000
Cachoeira (A) de Paulo Affonso. Poema original brazileiro. Fragmento dos escravos, sob o titulo de *Manuscriptos de Stenio*, por Castro Alves. 1 v. in-4.º enc. 3$000, br. 2$000

Cancioneiro dos Ciganos. Poesia popular dos Ciganos da Cidade-Nova, precedida de um estudo sobre a genealogia de seu caracter poetico, contendo formulas magicas, velorias e superstições d'esse povo, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Cancioneiro do Brazil, pelo Dr. MELLO MORAES Filho. Collecção escolhida de poesias, lendas e canções populares do Brazil. E composta dos tres volumes seguintes, que se vendem separadamente :

I. — *Tradicionaes :* Bailes pastoris.

II. — *Actualidades :* Scenas comicas, monologos e cançonetas, recitativos ao piano ou ao violão.

III. — *Hymnos :* Modinhas e lundús, seneratas, barcarolas.

3 vols enc 10$500 br. 7$500 vendem-se separadamente cada volume.

Canticos Funebres, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.° enc. 8$000, br. . . . . . 6$000

Cantora brazileira (A.) Nova collecção de Poesias tanto amorosas como sentimentaes, precedida de algumas reflexões sobre a musica no Brazil. E composta dos tres volumes seguintes :

Modinhas brazileiras. 1 v. in-12 enc. 2$000 br . 1$500

Recitativos. 1 v. in-12 enc. 2$000, br. . . . . . 1$500

Hymnos, Canções e Lundús. 1 v. in-12 enc. 2$000, br. 1$500

Cantos do Equador, por MELLO MORAES Filho. Edição definitiva com estudos litterarias de SYLVIO ROMÉRO e XAVIER MARQUES. 1 v. in-12 enc. 3$000 br. . . . . 2$000

Caramurú poema epico de descobrimento da Bahia, por FR. JOSÉ DE SANTA-RITA DURÃO.

Nova edição brazileira, precedida da biographia do autor pelo VISCONDE DE PORTO SEGURO, 1 vol. in-8.° enc. 3$000

Chrysalidas, poesias por MACHADO DE ASSIS. com um prefacio do Dr. CAETANO FILGUEIRAS. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Colombo, poema por MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE. 2 v. in-4.° enc. . . . . 8$000

Corymbos. Poesias por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-4.° br. . . . . 3$000

De Amor, por JAYME GUIMARÃES. 1 vol. in-18 br. . 2$000

Espumas fluctuantes, por CASTRO ALVES. Nova edição, 1 v. enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Filagranas, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Flora de Maio, por OSORIO DUQUE ESTRADA. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Flôres e Fructos, poesias por BRUNO SEABRA. 1 v. in-8.° enc. 3$000 br . . . . 2$000

Flôres entre espinhos, contos poeticos, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.° enc. . . . . 3$000

Flôres Silvestres. Poesias, por F. L. BITTENCOURT SAMPAIO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Folhas do Outomno, collecção de primorosas poesias, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3$000. br. . 2$000

Horas Sagradas, por CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO, 1 v. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Hugonianas, poesias de VICTOR HUGO, traduzidas por poetas brazileiros, collegidas por MUCIO TEIXEIRA. 1 v. in-4.° br. . . . . 5$000

Iliada do Homero. Trad. em verso portuguez por MANOEL ODORICO MENDES. 1 v. in-4.° enc. . . . . 6$000

Os Lusiadas, por LUIZ DE CAMOES, poema epico, edição classica com uma noticia sobre a vida e obras de autor pelo Conego Dr. J.-C. FERNANDES PINHEIRO e com um estudo sobre *Camões e os Lusiadas* pelo Dr. JOSÉ VERISSIMO, da Academia Brazileira. 1 v. in-12, enc. amador 6$000, dourado 5$000, enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Lyra do trovador. Collecção de modinhas, lundús, serenatas, etc. 1 v. in-8.° br. . . . . 1$000

Marilia de Dirceu, por THOMAZ ANTONIO GONZAGA, nova edição revista por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 2 vs. in-8.° enc. . . . . 6$000

Moniz Barretto, o repentista, estudo, por ROZENDO MONIZ. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Murmurios e Clamores, poesias de LUCIO DE MENDONÇA (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. 3$000

Nebulosa (A). Poema, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-4.° enc. . . . . 4$000

Novas Poesias, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° 3$000, br. . . . . 2$000

Obras completas de J. M. CASIMIRO DE ABREU, colligidas, annotadas, precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e seus escriptos por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA, nova edição. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Obras Poeticas, de CLAUDIO MANOEL DA COSTA. Edição revista por JOÃO RIBEIRO (da Academia Brazileira). 2 vol. in-18. enc. 6$000. br. . . . . 4$000

Obras poeticas, de IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO, colligidas e precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e suas obras, com documentos historicos, por J. NORBERTO E SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.° enc. . . . . 3$000

Obras poeticas de LAURINDO RABELLO, colligidas, annotadas, precedidas do juizo critico de escriptores, e de uma noticia sobre o autor e suas obras, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.° enc. 3$000 br. . . . . 2$000

Obras poeticas, de MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA, colligidas, annotadas e precedidas do juizo dos autores nacionaes estrangeiros, e de uma noticia biographica sobre o autor e suas obras, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 2 vs. in-8.° enc. . . . . 6$000

O outomno, collecção de poesias de ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. 1 v. in-4.° enc. 6$000 br. . . . . 4$000

Opalas, poesias por FONTOURA XAVIER. 1 v. in-8.º br. 2$000
Paraiso Perdido (O), epopéa de João Milton, vertida do original inglez para verso portuguez, por ANTONIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO. 2 vs. in-4.º enc. . . . . 12$000
Parnaso Brazileiro, comprehendendo toda a evolução da poesia nacional desde 1556, época em que foi representado o *Auto de S. Lourenço*, do padre Anchieta, até 1880, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. 2 grossos vs. in-8.º enc. 10$000, br. . . . . 8$000
Parnaso Juvenil ou **poesias moraes**, colleccionadas, adaptadas e offerecidas á mocidade, por ANTONIO MARIA BARKER. 8.ª edição 1 v. in-8.º enc . . . . 3$000
Phalenas, por MACHADO DE ASSIS. Poesias : Varia, Lyra chineza. Uma ode de Anachreonte, Pallida Elvira. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Poesias : Cantos da Solidão, Inspirações da tarde, Poesias diversas, Evocações, seguidas de notas, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 4$000, br . . . . 3$000
Poesias avulsas, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º enc. 8$000, br. . . . . . . 6$000
Poesias, de A. GONÇALVES DIAS, 8.ª edição augmentada com muitas poesias, inclusive os Tymbiras, e cuidadosamente revista por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA, precedida da biographia do autor, pelo Sr. Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 2 vs. in-8.º enc. 6$000 br. . . . . 4$000
Poesias de FRANCISCO DE PAULA BRITO, precedidas de uma noticia sobre o autor pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-4.º enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Poesias, por ANTONIO SALLES. 1 vol. in-18 enc. 4$000 br. . . . . 3$000
Poesias de MEDEIROS ALBUQUERQUE (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18, enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Poesias, por OLAVO BILAC. 1 vol. in-18 souple 5$000, enc. 4$000, br . . . . 3$000
Poesias, por ALBERTO DE OLIVEIRA, da Adademia Brazileira. Meridionaes, Sonetos e poemas. Versos e Rimas, por amor de uma lagrima e Livro de Emma, edição definitiva, com juizos criticos de Machado de Assio, Araupe Junior e Affonso Celso (todos da Aoademia Brazileira) cem o retrato do autor. 1 vol. nitidamente impresso em Paris, enc. 6$000, br. . . . . 5$000
Poesias completas, por MACHADO DE ASSIS (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 amador 6$000, enc. 5$000, br. 4$000
Poesias completas, por LUCIO DE MENDONÇA. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Poesias escolhidas, por AFFONSO CELSO da Academia Brazileira) 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . . . 3$000
Poesias escolhidas, por MUCIO TEIXEIRA. 2 vols. in-18.
Poesias posthumas de FAUSTINO XAVIER DE NOVAES. 1 vol. in-4.º enc. . . . . 6$000
Poetas brasileiros contemporaneos, por MELLO MORAES Filho. 1 vol. in-18 cartonado. . . . . 3$000

Primeiros versos, por JULIO DE CASTILHO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Quadros, Poesias, de JOAQUIM SERRA. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Revelações, poesias de AUGUSTO EMILIO ZALUAR. Esta edição, ornada do retrato do autor gravado em aço, é das mais nitidas e primorosas que têm apparecido entre nós. 1 v. in-4.° enc . . . . 5$000
Serenatas e saraus.—I. *Tradicionaes*.— II. *Actualidades*. — III. *Hymnes*. 3 vols in-18 que se vendem séparadamente cada vol. enc. 3$000, br. . . . . 2$500
Solans. Livro de versos, por D. FERNANDES, 1 vol. cr. 1$000
Suspiros Poeticos e Saudades, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-8.° enc. . . . 8$000
Transfigurações. Poesias de NESTOR VICTOR. 1 vol. br. . . . . 3$000
Urania. Collecção de 100 poesias ineditas, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 vol. in-4.° nitidamente impresso sob as vistas do autor e elegantemente encadernado. . . . . 8$000
Vesperas, poesias dispersas, por THOMAZ RIBEIRO, 1 v. in-4.° br. . . . . 4$000

3.° — THEATRO

Azas (As) de um Anjo. Comedia em um prologo, 4 a. e 1 epilogo, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000
Cincinato Quebra-Louça. Comedia en 5 actos, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.° br. . . . . . 2$000
Comedias de Martins Penna, com um estudo critico sobre o autor e o theatro no Rio de Janeiro por MELLO MORAES FILHO e SYLVIO ROMÉRO, enc. 5$000, br. . . . . . 4$000
Demonio (O) Familiar. Comedia em 4 a. por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° br. . . . . 2$000
D. Ignez de Castro. Drama em 5 actos e em verso, por JULIO DE CASTILHO. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . 3$000
Jesuita (O). Drama em 4 a., por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Mãe. Drama en 4 actos, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Moleiro de Alcalá (O). Opereta em 3 actos e 4 quadros, por EDUARDO GARRIDO; musica de J. CLERICE. 1 v. br. . . . . 2$000
Olgiato. Tragedia em 5 actos, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAY. 1 v. in-4.° br. . . . . 2$000
Peccados Velhos, farça em um acto, por EDUARDO GARRIDO 1 vol. in-8.°. . . . . 1$000
A Pera de Satanaz, magica por EDUARDO GARRIDO. 1 vol. in-8.°, br. . . . . 2$000
O Primo da California. Opera em 2 actos, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-8.° br. . . . . 1$000

Scenas e Cançonetas em prosa e em verso, por EDUARDO GARRIDO. 1 vol. in-8°, br. . . . . 3$000
Scenas e Monologas, em prosa e em verso, por EDUARDO GARRIDO. 1 vol. in-8.° (no prelo). . . . .
Sorvedouro (O). Drama em 5 actos. 1 vol. in-18 illustrado enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Theatro alegre, comedias, operetas, magicos, etc., por EDUARDO GARRIDO, tomo I. O moleiro d'Alcalá, opereta. A pera de Satanaz, magica e Peccados velhos farça. 1 vol. in-8°, enc. . . . . 5$000
Theatro do Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.° nitidamente impressos, enc. 9$000, br. . . . . 6$000
Volume I : Luxo é Vaidade, Primo da California, Amor e Patria.
Volume II : A Torre em Concurso, o Cégo, Cobé, Abrahao.
Volume III : Lusbella, Fantasma Branco, Novo Othelo.
As seguintes peças tambem vendem-se separadamente :
A Torre em concurso. . . . . 1$500
Lusbella. . . . . 1$500
Fantasma Branco. . . . . 1$500
Novo Othelo. $500
Tragedias : Antonio José, Olgiato, Othelo, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.° enc. 8$000
Verso e Reverso. Comedia em 2 actos, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. br. . . . . 1$000

4.° VIAGENS

Peregrinação pela provincia de S. Paulo, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR. 1860-1861, 1 v. in-4.°. . . . . 6$000
Viagem ao redor do Brazil, por Severiano da FONSECA. 2 vols. enc. (raro). . . . . 25$000
Viagem Imperial, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° br. $400

5.° — HISTORIA

Memorias do meu tempo, pelo Conselheiro, J. M. PEREIRA DA SILVA. 2 v. in-4.° enc. 14$000, br. . . . . 10$000
Apontamentos para a Historia da Republica dos Estados Unidos do Brazil, por M. E. DE CAMPOS PORTO. 1 v. in-4.° enc. 8$000, br. . . . . 5$000
Criminosos celebres. Episodios historicos : Pedro Hespanhol, Vasco de Moraes, os Salteadores da Ilha da Caqueirada, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Estadistas parlamentares, ou biographias de 24 notaveis parlamentares brazileiros, por TIMON. 1 v. in-folio br. contendo 7 retratos. . . . . 4$000
Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes.

A Cabeça do Tira-Dentes. A Filha do Fazendeiro, Jupira, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000

Historia da Guerra do Paraguay por TH. FIX, traduzida por J. FERNANDES DOS REIS. e annotada por ***. 1 v. in-4.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Historia da Republica jesuitica do Paraguay desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, pelo CONEGO JOÃO PEDRO GAY, 1 grosso volume in-4.° enc. 12$000, br. . . . . 10$000

Historia Geral do Paraguay, desde a sua descoberta até nossos dias, seguida de uma noticia biographica do estado actual do Paraguay, por DEMERSAY 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Historia dos Jesuitas, por A. J. DE MELLO MORAES. 2 vs. in-4.° enc. . . . . 16$000

Historia dos Martyres da Liberdade. por A. ESQUIROS, vertida da lingua franceza por A. GALLO, e augmentada com episodios tirados da Historia do Brazil e da de Portugal. 2 v. in-4.° enc. 10$000, br. . . . . 8$000

Historia Universal da Egreja, pelo Dr. JOÃO ALZOG; traducção de JOSÉ ANTONIO DE FREITAS; obra publicada com a approvação e sob os auspicios do episcopado lusitano e brazileiro. 4 v. in-4°. enc. . . . . 40$000

Homens do passado, chronicas dos seculos XVIII e XIX; pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Jeronymo Côrte-Real. Chronica dos seculo XIV, pelo Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Manoel de Moraes. Chronica do seculo XVI, pelo Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000

Marquez (O) de Pombal. Obra commemorativa do centenario de sua morte, mandada publicar pelo Club de regatas GUANABARENSE do Rio de Janeiro, ornada de um retrato do Marquez. 1 grosso vol. br. . . . . 6$000

Memorias do Marquez de Santa Crúz, Arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, metropolitano e primaz do Brazil. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Primeiro (O) Reinado estudado á luz da sciencia, ou a revolução de 7 Abril de 1831 justificada pelo direito e pela historia, por L. F. DA VEIGA. 1 grosso volume in-4.° gr. enc. 8$000, br. . . . . 6$000

Resumo da Historia Litteraria, pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 2 grossos volumes in-4.° nitidamente impressos, enc. 17$000, br. . . . . 14$000

Rio (O) de Janeiro, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 2 vs. in-4.° enc. 15$000, br. . . . . 12$000

Um estadista do Imperio Nabuco de Araujo, sua vida, suas opiniões e sua epoca, por seu filho JOAQUIM NABUCO.
Tomo primeiro 1817-1852, enc. 15$000, br. . . . 10$000
— segundo 1857-1866, enc. 15$000, br. . . . 10$000

Tomo terceiro, 1866-1879, enc. 15$000, br. . . . 10$000
Vendem-se separadamente cada volume.

Varões (Os) illustres do Brazil durante os tempos coloniaes, pelo Conselheiro PEREIRA DA SILVA. 3.ª edição, augmentada e correcta. 2 v. in-8.º. . . . . 8$000

Viagens em Marrocos por RUY DA CAMARA, com illustrações. 1 v. in-4.º br. . . . . 5$000

Vida do grande cidadão brazileiro Luiz Alves de Lima e Silva, barão, conde marquez, duque de Caxias, desde o seu nascimento, em 1803, até 1878, pelo Padre PINTO DE CAMPOS. Ornado de um bello retrato do Duque de Caxias. 1 v. in-4.º br. . . . . 5$000

7.º — OBRAS DIVERSAS DE INSTRUCÇÃO E ESPIRITISMO

Alcorão (O), escripto por MAHOMET e traduzido cuidadosamente para o portuguez. 1 v. in-4.º grande enc. 25$000, enc. de luxo . . . . 30$000

Alma é immortal (A), por GABRIEL DELANNE. 1 vol. in-18 enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Animismo e Espiritismo, por ALEXANDER AKSAKOF. 1 vol. in-18 enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Bertoldo e Familia. 1 v. in-12 enc. perc. . . . . . 2$000

Chanceller de ferro (O). Pelo conde de ROCHESTER. 1 vol. in-18 enc. 5$000. br. . . . . 4$000

Confissão de um badense, seguida de : **O Coronel Happetaler.** Lembrança da guerra Franco Prussiana; Estudos humoristicos sobre o genio, temperamento, caracter, inclinações, usos e costumes dos Allemães, pintados á imitação da natureza, por A. ASSOLANT. Versão de A. GALLO. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . . 1$000

Depois da morte ou a vida futura, segundo a sciencia, por LUIZ FIGUIER, versão do Dr. FERREIRA DE ARAUJO. 1 v. in-8.º enc. 4$000 br. . . . . 3$000

Deus na Natureza, por CAMILLO FLAMMARION, traduzido da 14.ª edição. 2 vs. in-8.º enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Diccionario abreviado da fabula, por CHAMPRÉ, para intelligencia dos autores antigos, dos paineis e das estatuas, cujos argumentos são tirados da historia poetica. 1 v. in-18 enc . . . . 3$000

Dr. Judassohn (O). Estudo sobre o caracter allemão, por A. ASSOLANT, vertido do francez por A. GALLO. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . . 1$000

Ensaio de revista geral, por Dr E. GYEL. 1 vol. enc. 3$000 br . . . . 2$000

Evolução Animica (A), por GABRIEL DELANNE. Unica traducção autorisada pelo autor e approvada pela FEDERAÇÃO ESPIRITA BRAZILEIRA. 1 v. in-8.º enc. 5$000, br. . . 4$000

Foë : Aventuras de Robinson Crusoé, traduzidas do

original Inglez. Dous volumes nitidamente impressos, e illustrados com 24 lindas gravuras. . . . . 10$000

Grandes Invenções (As) antigas e modernas nas sciencias, industrias e artes, a Imprensa, a Gravura, a Lithographia, a Polvora, a Bussola, o Papel, os Relogios, a Porcellana e Louçaria, o Vidro, os Oculos de alcance, o Telescopio, o Barometro, o Thermometro, o Vapor, a Electricidade, as Applicações da electricidade estatistica, Applicações da electricidade dynamica, os diversos systemas de illuminação, os Aerostatos, Poços Artesianos, Pontes pensis, o Tear, o Jacquard, a Photographia, o Estereoscopio, a Drenagem, por LUIZ FIGUIER, 1 v. in-4.° enc. . . . . 25$000

Homem primitivo (O), por LUIZ FIGUIER, obra illustrada com 40 scenas da vida do homem primitivo, desenhadas, por EMILIO BAYARD e com 256 figuras representado os objectos usuaes das primeiras épocas da humanidade. Traduzida por MANOEL JOSÉ FELGUEIRAS. 1 v. in-4.° enc. 16$000

Os mundos Imaginarios e os mundos Reaes. Viagem pittoresca pelo céo, por C. FLAMMARION. Revista critica das theorias humanas, scientificas e romanticas, antigas e modernas, sobre os habitantes dos astros. Ornados de uma bonita gravura. 1 grosso volume in-8.° enc. 5$000, br 4$000

Narrações do infinito. — Lumen. — Historia de um Alma. — Historia de um Cometa. — A vida Universal e Eterna, por C. FLAMMARION. 1 grosso volume in-8.° enc. 5$000, br. 4$000

No Paiz das Sombras, por Mme d'ESPÉRANCE. 1 vol. in-18, enc. 5$000, br. . . . . 4$000

No Sanctuario, por VAN DER NAILEN. 1 vol. in-18 enc. 5$000 br. . . . . 4$000

Nos templos do Himalaya, por VAN DER NAILLEN. Unica traducção autorizada pelo autor. 1 v. enc. 5$000, br. . 4$000

Phenomeno Espirita (O). Testemunhos dos Sabios com 20 gravuras. Unica traducção autorizada pelo autor e approvada pela FEDERAÇÃO ESPIRITA BRAZILEIRA, por GABRIEL DELANNE. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Phenomenos occultos, por COSTE, prefacio de Medeiros e Albuquerque (da Academia Brazileira) . 1 v. in-18.

Pluralidade dos Mundos Habitados. Estudo em que se expõe as condições de habitabilidade das terras celestes discutidas sob o ponto de vista da astronomia, da physiologia e da philosophia natural por C. FLAMMARION. Traduzida da 23.a edição por M. VAZ PINTO COELHO e ornada de gravuras. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br . . 4$000

Porque da Vida (O), por LÉON DENIS. 1 vol. in-18 enc. 3$000 br, ... 2$000

Raças humanas (As), por LUIZ FIGUIER, versão de ABILIO LOBO. 1 v. in-4.° enc . . . . 22$000

Sabios illustres (Os) (Christovão Colombo), por LUIZ FIGUIER, traducção de A. E. ZALUAR. 1 v. in-4.° br. . . . . 2$500

Suggestão mental, pelo Dr J. OCHOROWICZ. 1 grosso vol. in-18 enc. 5$000, br. . . . . 4$000
Supremacia intellectual da Raça Latina, resposta ás allegações germanicas; por EMM. LIAIS.1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Um caso de desmaterialisação, por ALEXANDER AKSAKOF. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Vingança do Judeu. Romance social espirito do CONDE DE ROCHESTER. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . . 3$000

II. — MISCELLANEA

1.° — OBRAS DE UTILIDADE PRATICA. — ECONOMIA DOMESTICA, ETC.

Arte (A) do Alfaiate, por E. COMPAING, director do « Jornal dos Alfaiates ». Traducção completa do córte do vestuario. 1 v. in-folio com gravuras explicativas, enc. . . . 4$000
Conselheiro (O) da Familia Brazileira, encyclopedia dos conhecimentos indispensaveis na vida pratica. Um grosso volume nitidamente impresso, contendo diversos artigos sobre : habitação, vestidos, toucador, alimentação, hygiene, meninos, doenças, conselhos uteis, usos e deveres da sociedade, cartas, bailes e reuniões, palavras e phrasas viciosas-receitas culinarias, etc., etc., pelo Dr. FELIPPE NERY COLLAÇO, bem encadernado . . . . 6$000
Conselheiro (O) secreto das damas, segredos de toucador e receitas infalliveis para conservar e embellecer as diversas partes do corpo. 1 v. n-32. . . . . 2$000
Correspondencia commercial (A), contendo mais de 300 cartas, circulares, offerecimentos de serviços, cartas de introducção et de recommendação, cartas de credito, pedido de informações, ordens de bolsa, operações de cambio, negocios me participação, consignações, transportes, seguros, transacções geraes, etc., etc., por HENRIQUE PAGE. 1 v. in-8.° enc . . . . 5$000
Cozinheiro nacional ou collecção das melhores receitas das cozinhas brazileira e européas, para a preparação de sopas, molhos, carnes, caça, peixe, crustaceos, ovos, leite, legumes, pudins, pasteis, doces de massa e conservas para sobremesa, etc. etc., acompanhado das regras de servir a mesa e de trinchar. 1 grosso vol. in-8.° ornado com numerosas e finas estampas. 3$000
Cultura das abelhas, tratado completo e pratico de apicultura, por A PAULO SALLES. 1 v. in-8.° enc . . 2$500
Doceiro Nacional ou Arte de fazer toda a qualidade de doces. Obra contendo 1,200 receitas conhecidas e ineditas acompanhada dos diversos processos usados para a depu-

ração eextacçao do do assucar contido nas plantas saccharinas Ornado com numerosas estampas. 1 v. impresso em Pariz. . . . . 3$000

Encyclopedia popular (leituras uteis). Noções escriptas e notas referentes aos mais interessantes conhecimentos humanos; noticias relativas ás cousas e instituições do Brazil; apontamentos historicos, geographicos, estatisticos, biographicos, industriaes, litterarios, etc.; por BERNARDO SATURNINO DA VEIGA. 1 v. in-4.° grande enc . . . . 16$000

Guia pratico do distillador, por E. ROBINET. 1 v. in-8.° enc . . . . 6$000

Jardineiro brazileiro, por PAULO SALLES. 1 v. in-8.° com numerosas gravuras. . . . . 4$000

Manual do Capitalista, por BONNET. 1 v. in-4.° enc. percalina. . . . . 6$000

Com alguma pratica em compulsar este livro, pratica que aliás se adquire facilmente, o negociante, o banqueiro, o guarda-livros, o empregado de fazenda ficam habilitados a effectuar a mais complicada operação de juros, de conta corrente, de porcentagem, emquanto o diabo esfrega um olho...

Manual do Gallinheiro. Arte de melhorar e trataras gallinhas e mais **aves domesticas**, conten do regras e conselhos sobre o cruzamento e descripção das raças, criação e producção, construcção e hygiene do gallinheiro, molestas e seu tratamento, etc.; por A. PAULO SALLES. 1 nitido vol. in-8.° com gravuras, enc. . . . . 3$000

Manual pratico de Viticultura, por GUSTAVO FOEX. 1 v. in-8.° enc . . . . 4$000

Memoria sobre a sericultura no Brazil, por JOSÉ PEREIRA TAVARES. 1 v. in-4.° com 5 grandes estampas explicativas, br. . . . . 4$000

Novo Conzinheiro nacional, por JULIO BRETEUIL. 1 grosso vol. in-8.° illustrado com muitas gravuras e 4 chromo-lithographias, enc. perc. . . . . 8$000

Novo manual do cozinheiro, ou Arte da cozinha posta ao alcance de todos, por CONSTANTIN CARNEIRO, chefe de cozinha. 1 v. in-18 com estampas, enc. . . . . 2$500

Novo manual epistolar, ou Arte de Escrever todo o genero de cartas segundo o gosto actual. 1 v. in-18 enc. . 2$000

Orador popular, por JOSÉ ALVES CASTILHO. 1 v. in-8.° enc.. . . . . 3$000

Este livro contém modelos de discursos, uma infinidade de modelos, desde o de « duas palavras » que se dizem á sobremesa, em dia de annos, até a oração funebre, que se pronun cia á beira de um tumulo aberto. E de grande utilidade pra tica.

Secretario brazileiro. 1 v. in-8.° enc . . . . 3$000

O *Secretario* é um livro que contém nada menos de 306 modelos de cartas; ha n'elle cartas para o que a gente precisar, desde pedir desculpa de não ir a uma festa, até rogar ao senhorio mais alguns dias de praso para o pagamento da casa. O *Secretario* não é um livro — é um thesouro.

O *Secretario* e com o *Orador*, tendo-se boa memoria, um homem póde rir desdenhosamente das cartas em que ha *amigo* com dous *mm* e dos discursos interrompidos frequentes vezes por aquillo a que chamam « caroço ».

Thesouro das familias ou encyclopedia dos conhecimentos da vida pratica. Collecção de 1952 receitas utilissimas e necessarias a todas as classes da sociedade, sobre economia domestica, sçiencias, artes, industria, officios, manufacturas, agricultura, etc., etc. Obra extrahida e compilada dos autores os mais afamados e os mais modernos de todos os paizes e augmentada de muitas e variadas receitas privadas e ineditas; por VICTOR RENAULT. 1 grosso v. nitidamente impresso e enc. 6$000

Tatado completo sobre o porco, sua origem e utilidades, raças, criação e engorda pelos systemas modernos, *molestias e seu tratamento*, seguida da **criação do coelho** e dos differentes modos de ccommodar a carne aos paladares mais delicados, e de noticias sobre a *anta*, a *cupivara*, a *paca* a *cutia* e o *porquinho da India*, a companhado do **Charcuteiro nacional** ou arte de fazer numerosos preparados e conservas de carne de porco, taes como: presuntos, salames, salsichas, murcellas, linguas, queijo de porco, salames, geléas, etc., por A. PAULO SALLES. 1 v. in-8.º ornado de numerosas gravuras, enc. . . . . 3$000

Tratado da fabricação da Liçôres, por BEDEL. 1 vol. br . . . .

Tratado de cultura da Canna de assucar, trad. hespanhol por REYNOSO, e impresso por ordem do Ministro da Agricultura. 1 v. in-4.º enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Tratado pratico de Medicina veterinaria. Arte da prevenir e curar as enfermidades que atacam geralmente o cavallo, o asno, os muares, o boi, o carneiro, o porco e o cão; e contendo a Anatomia, a Physiologia e Hygiene, Symptomas, o Tratamento das doenças, a Therapeutica, o modo de administrar os remedios e a inoculaçao preventiva por H. VILLIERS, medico-veterinario, e A. LARBALÉTRIER, professor de Agricultura. Obra traduzida da ultima edição franceza, ornada de 35 gravuras. 1 vol. in-8.º, enc . . . . 4$000

Tratado pratico da fabricação do queijo e da manteiga, acompanhado de um tratado sobre as *vaccas*, *cabras e carneiros* meios praticos sobre a criação, reproducção e e aproveitamento, por PAULO SALLES. 1 v. com gravuras enc . . . . 3$000

Tratado usual de Pintura de edificios e decoração, por PAUL FLEURY. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Trado do mundo (O), por DUFAUX DE LA JONCHÈRE, traducção de SIMÕES DA FONSECA. 1 v. in-8.º enc. . . 5$000

Util Cultivador (O) instruido em todo o manejo rural e

accommodado a qualquer clima, pelo Dr. José Praxedes Pereira Pacheco. 1 v. in-4.° enc . . . . 5$000

OBRAS DE SAMUEL SMLES

Ajuda-te, ou caracter, comportamento e perseverança. Trad. de***, 1.ª edição. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br . . . . 3$000
Caracter (O), traduzido por D. Adelaide Pereira. 1 grosso v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Dever (O), com exemplos de coragem, paciencia e resignação. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Economia Domestica Moral ou a felicitação e a independencia pelo trabalho e pela economia. 1 v. in-8.° br. 3$000
Poder da Vontade, ou caracter, comportamento e perseverança. Trad. de A. J. Fernandes dos Reis, 2.° edição. 1 vol. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Vida (A) e o Trabalho, traducção de Corinna Coaracy. 1 vol. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

HYGIENE DA GERAÇÃO

Pelo Dr. P. Garnier

O Matrimonio considerado nos seus deveres, relaçõeceo effeitos conjugaes desde o ponto de vista legal, hygiennis physiologico e moral, 1 v. in-8.°, com 36 gravuras, ec 5$000, br . . . . 4$000
A Esterilidade humana e o hermaphrodismo no homem e na mulher. 1 vol. in-8.° com gravuras, enc. 5$000, br. . . . . 4$000
O Celibato e os celibatarios, caracteres, perigos e hygiene nos dois sexos, 1 vol. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000
A Geração Universal, Leis, Segredos e Mysterios no homem e na mulher, 1 vol. in 8.° numerosas gravuras no texto, enc. 5$000, br. . . . . 4$000
O Onanismo só e a dois, desde todas as fórmas e consequencias, 1 gr. v. in-8.° . . . .
Impotencia physica e moral nos dois sexos. Causas signaes, remedios, 1 v. in-8.°, com gravuras. enc. 5$000, br. . . . . 4$000
Phytographia ou Botanica Brazileira applicada ás artes e industrias, seguida de um supplemento de materia medica, inclusive as plantas conhecidas e applicadas pelo indios em suas enfermidades pelo Dr. J. A. de Mello Moraes. Um grosso volume in-4°, com 550 paginas, em bom papel e nitida impressão, enc. . . . . . . 15$000

Revista da Exposição Anthropologica, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. Obra illustrada com gravuras em madeira, 1 v. in-folio enc. . . . . 10$000

Em preparação :

As Anomalias sexuaes, apparentes e occultas, com 230 observações, 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000
O Males do Amor, contagio, preservativos e remedios com 112 observações, 1 vol. in-8.° enc. 5$000, br. . . . 4$000

OBRAS RECREATIVAS, HUMORISTICAS, ETC.

BIBLIOTHECA POPULAR

Cada vol. 500 reis.

Astucias de Bertoldo. Novissima edição, 1 vol. enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Historia da Princeza Magalona. Novissima edição, 1 v. br.
Historia da Donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria. Novissima edição, 1 v. br.
Historia de João de Calais. Novissima edição, 1 v. br.
Historia do Pelle de Asno, ou a **Vida do Principe Cyrillo**. Novissima edição, 1 v. br.
Historia jocosa dos Tres corcovados de Setubal, Lucrecio, Flavio e Julliano, onde se descreve o equivoco gracioso das suas vidas. Novissima edição, 1 v. br.
Historia do Grande Roberto do Diabo, Duque de Normandia e Imperador de Roma, em que se trata da sua concepção e nascimento e de sua depravada vida, pelo que mereceu ser chamado *Roberto do Diabo* e do seu grande arrependimento e prodigiosa penitencia, pelo que mereceu ser chamado *Roberto de Deus*, e prodigios que por mandado de Deus obrou em batalha. Novissima edição, 1 v. br
Historia da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador Ladonio de Roma. Novissima edição, 1 v. br.
Nova Historia do Imperador Carlos Magno e dos **Doze pares de França,** contendo a grande batalha que teve com Malaco, rei de Fez, a qual venceu **Reinaldos** de Montalvão. Novissima edição, 1 v. br.
Confissão geral do Marujo Vicente por via das **rogativas** que lhe fez sua mulher **Joanna** e sua apparição com o confessor. Novissima edição augmentada, 1 v. br.
Despedida de João Brandão a sua mulher, filhos, amigos e collegas, seguida da **Resposta de Corolina Augusta.** Novissima edição, 1 v. br.
Maria José, ou a filha que assassinou, degolou e esquer-

tejou sua propria mãi Mathilde do Rozario da Luz, na cidade de Lisboa em 1848. 1 v. br.

Simplicidades de Bertoldinho, filho do sublime e astuto Bertoldo, e agudas respostas de Marcofia, sua mãi. Novissima edição, 1 v. br.

Vida de Cacasseno, filho de simples Bertoldinho e neto do astuto Bertoldo. Novissima edição, 1 v. br.

A noite na Taverna, cantos phantasticos por ALVARES DE AZEVEDO. Precedido de um esboço biographico pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. br.

Galatéa. *Egloga.* 1 v. br.

Vozes d'Africa. O Navio negreiro, tragedia no mar. 1 v. br.

Disputa divertida das grandes bulhas que teve um homem com sua mulher por não lhe querer deitar uns fundilhos em uns calções velhos. Obra alegre e necessaria para e pessoa que fôr casada. 1 v. br.

Os Escravos. *Manuscriptos de Stenio.* 1 v. br.

Bom (O) do Sr. Leitão, por KOCK JUNIOR. 1 v. in-12°, enc. 1$600, br . . . . 1$000

Cartas Magicas. Adivinhações faceis por meio da leitura de amenos versos. Um estojo com 32 cartas comprehendendo os quatro naipes, bem impressos e dignas do fim a que se destinam. . . . . 1$600

Conselheiro dos Amantes (O). Collecção de differentes modelos de cartas amorosas para ambos os sexos, seguido de um appendice contendo a linguagem das flôres, emblema das côres, terminando pelo telegrapho amatorio, ou modo de fazer signaes, nova edição. 1 v. in-8° br. 500

Contos Jocosos, por KOCK JUNIOR. 1 v. in-12° enc. 1$600, br . . . . 1$000

Cornucopia dos Salões. Livro indispensavel a todos quantos desejem passar e mplena alegria. Mil noites festivas. Contendo completa collecção de sortes, jogos de sociedades, 1 v. in-8° enc. 3$000, br.. . . . . 2$000

Dados da Fortuna. Modernissimo livro de sortes para recreio da sociedade brazileira, contendo 48 perguntas e 1,056 respostas em quadras rimadas. 1 v. in-8°, br. . 1$600

Diccionario das Flôres, folhas, fructas, hervas e objectoe mais usuaes, com significações, ou vade-mecum dos namorados, offerecido aos fieis subditos de Cupido. 1 v. br. . 500

Esphinge (A). Palestra enigmatica ou livro de adivinhações proprias a aguçaro espirito e a entreter a imaginação nas reuniões brazileiras, e para desenfado, recreio e passatempo sempre agradavel nas noites de fogueiras de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna. 1 v. in-8°. . . . . 1$600

Jogo da Conversação bello entretenimento de perguntas e respostas ou disparates e acertos engraçados para passa-

tempo das familias brazileiras, 2 estojos com 100 perguntas e 100 respostas . . . . 3$200

Letras Mysteriosas. — Adivinhações faceis por meio da leitura de trechos em prosa. Um elegante estojo com 25 bonitos cartões nitidamente impressos . . . . 1$600

Livro des Sonhos, no qual se encontra a sua explicação ao alcance de qualquer pessoa. 1 v. in-12, br. $500

Livro (O) dos Sonhos, edição revista e corrigida, illustrada. 1 v. in-18°. . . . . 2$000

Adivinhador. Livro feiticeiro das Senhoras, ou Novissimo oraculo de donas e donzellas, contendo 70 perguntas e 1,120 respostas de fazer pasmar pelo seu acerto, por O Adivinhador. 1 v. in-8°, nitida edição. . . . . . 1$600

Cartoes de amor. Jogo dialogado e em versos entre damas e cavalleiros para desenfado das noites de inverno. Um estojo com 100 cartões. . . . . 1$600

Um marido por um pé de meia, por Kock Junior, 1 v. in-12°, enc. 1$600 . . . . 1$000

Mata-Horas (O) Aborrecidas. Nova e interessantissima collecção de jogos de sociedade, comprehendendo 127 jogos de prendas e de espirito ou imaginação, de dansa, de musica, de penitencia e de mystificação. 1 volume in-8°, bem impresso. . . . . 1$600

Mensageiro dos amantes, ou Arte de agradar e obter successos em amores. Contêm modelos de correspondencia galante em todos os casos possiveis. 1 estampa. 1 volume in-18° . . . . 2$000

Mosaico Brazileiro, ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anecdotas, curiosidades e factos historicos de brazileiros illustres, pelo Dr. Moreira de Azevedo. 1 v. in-8°, enc . . . . 3$000

Novissimo e completo Manual de dança, tratado theorico e pratico das danças de sociedade, por Alvaro Dias Patricio. 1 v. in-8°. enc. 3$000 br. . . . . 2$000

Novo manual de Jogos de sociedade e de prendas. 1 estampa. 1 v. in-18° . . . . 2$000

Pandego (O), por Kock Junior. 1 volume in-12° enc. 1$600, br. . . . . 1$000

« O Pandego » é uma narrativa cheia de interesse que, sobretudo, se recommanda pela proveitosa lição de moralidade que encerra.

Oraculo das familias. 1 v. br. . . . . 1$600

Prestidigitação, por Gastão Robert. br. 2$000, enc. 3$000

Roda do Destino. Novo e completo livro de sortes para entretenimento das familias brazileiras nas noites de fogueiras, contendo 51 perguntas de novos e interessantes assumptos, e 1248 respostas em 4992 versos! Acompanhada de um mechanismo expressamente inventado para se tirar as sortes com toda a certeza e infaillibilidade. 1 v. . . . . . 3$500

Sortes de physica recreativa, por Gastão Robert, 1 v. br. 2$000, enc. 3$000

Sortes de Cartas, por Gastão Robert, 1 v. br. 2$000, enc. . . . . 3$000

Verdadeiro oraculo dos maridos e dos amantes, que responde de um modo infallivel a todas as perguntas. 1 v. in-12°. . . . . 1$500

Verdadeiro livro de S. Cypriano (O.). Edição a mais completa, por Possidonio Tavares. 1 vol. in-8°, br. 3$000

Vinhateiros do Brasil, por Ultimo Courbassier, 1 vol. br. . . . . 1$000

Paris. — Tip. H. Garnier, 6, rue des Saints-Pères. 358.9.1903.